

GAZETA DE SERGIPE

ARACAJU, 28 DE SETEMBRO DE 2000

SUPLEMENTO ESPECIAL

Fundador: ORLANDO DANTAS

ORLANDO DANTAS



“Sou um social-democrata que busca a liberdade, não aceito o arbítrio nem a ditadura”.

100 ANOS

*Quadro da Galeria de presidentes do BANESE

PÁGINAS DE MINHA VIDA

Orlando Dantas escreve sobre sua vida, das lembranças de infância às lutas políticas

Nasci em Capela, num engenho de açúcar. Criei-me livre sob os carinhos da minha mãe e as simpatias do meu pai. As primeiras letras de ensino em casa dos meus tios, à sombra de um lindo roseiral, com os primos, na Princesa dos Taboleiros. Cedo andei a cavalo, pulei e brinquei com a negrinha Joana, de carro de carneiro. Já crescido, aprendi com a ternura de uma mãe bonita e elegante e os exemplos de um pai que defendia o direito dos pobres as suas roças de mandioca e de algodão danificadas pelos animais - dos comboeiros, e ele forte, corajoso, enfrentando-os e os obrigando a indenização dos prejuízos. E, ainda, acompanhando o meu pai quando obrigado a defender-se de ataques de cangaceiros, ficava - numa palhoça na mata, até a hora do ataque. Aos nove anos estava em Divina Pastora, morando em outro engenho, freqüentando a escola da prof. Idalina, inconformado com a separação dos coleguinhos, por questões de classe, rompendo as distâncias. Um clima suave, uma água cristalina e saborosa, uma igreja, definidas alfaias e encantadora pintura construída num platau, como uma vista maravilhosa descotada ao descer para o engenho. Aos doze anos no internato do professor Raimundo Firpo, em Maroim distante dos meus pais, sentindo a separação, as saudades imensas, o coração apertado, a peraltice de menino vivo, ardente, buliçoso, inquieto. As férias, a volta o cavalo sob a vigilância do Maroto, estribeiro de confiança, contador de histórias. A chegada, os abraços e os beijos de minha mãe, a bênção do meu pai, o mundo que se abria na Casa Grande, no quintal, na paisagem verdejante dos canaviais, o açude convidava a um mergulho, os moleques me espiando para as traquinices.

Os anos passando, o ensino no colégio do professor Zezinho em Aracaju, D. Sílvia, a carinhosa mãe de todos, os frutos de pães; de frutas, as briguinhas entre colegas, os carões do professor, as aulas dos mestres Abdias, Alcebiades, Bricio, os gritos do professor Zezinho Cardoso. As festas cívicas onde Alceu, Misael e eu éramos os oradores, o jornalismo escrito à mão e eu o editorialista.

As garotas da Escola Normal, lindas, formosas, a despertarem os instintos sexuais de todos nós.

A guerra de 14, as revistas ilustradas de atos heróicos, a França de Petain, Poincaré, a vitória de 1918. Na Bahia os estudos no Ipiranga, o grêmio escolar, o

jornal impresso, as conferências, os artigos. Os professores Bôto, Tantu, Mangueira, aulas de matemática e de português, as provas escritas, onde sempre era o primeiro da turma pelo que escrevia, o concurso de cultura, a minha participação. Depois, o curso superior, a influência que recebi para estudar engenharia e a repulsa à matemática superior, na Escola Politécnica do Rio, o abandono dos estudos a procura de tendências perdidas num equívoco do bom estudante de matemática em Bahia.

O engenho me esperando, o meu pai agastado com minha deserção. Maroim onde a família passara a residir. Os primeiros namoricos, os contactos com os jovens intelectuais, as conversas, a literatura, a arte, os romances, a participação com Edson Ribeiro, inteligente, agitado bacharel de ligações na Bahia. A capital com a família, o banco de Sergipe, diretor sem experiência, o aprendizado de contabilidade, a vida que se abria na sociedade ao dançarino, ao elegante dandi, os salões do Club dos Diários, Fausta, Helena; Nelia, Maria Virginia, encantos sociais, amando a todas. O romance, a morena cor de jambo Dulce, o botão de rosa à espera no portão da casa. Um simples enlêvo, uma paixão. A vida de jovem interessado nas letras, escrevendo no Diário da Manhã, no Correio de Aracaju, na Gazeta de Sergipe, artigos variados sobre economia. O convite a dirigir a Usina de Açúcar, a ida com a namorada e a sua família. O despertar de sonhos, de amor. A experiência de nova vida.

Fiquei para sempre na pequena usina. O meu pai disposto a adquirir uma usina completa, moderna, na Holanda. Na casa grande acordava-me cedo. Um ar leve, agradável, a assistir da janela a descida dos trabalhadores da vila, com as suas emadas e foices ao ombro, a mochila de farinha - com jabá pendura da no cabo da enxada. Um panorama a despertar um mundo de ilusões e esperanças. No meu espírito apareciam as lições recebidas pela minha mãe, dos

atos de defesa do povo sofrido, penalizado pelas injustiças pelo meu pai. Era o despertar de uma vida voltada para o povo, onde ricos e pobres viviam separados, pelos conceitos e preconceitos. Passei a duras reflexões, como ajudá-los a sair daquela vida de pobreza, de restrições. A cooperativa do consumo, a associação dos trabalhadores, os preços razoáveis, a assistência médica, os remédios, os



Aos 22 anos, Orlando tenista

tratamentos, o hospital. Havia a surpresa do trabalhador diante do que via e ouvia, a desconfiança dos colegas de profissão pela minha aproximação com os trabalhadores. Por fim a volúpia que - sentia nas roda de senhores de engenhos, em fustigá-los na sua tradição escravocrata. Enquanto a cooperativa de consumo se expandia, o povo passava a acreditar em formas humanas de vida, mais me distanciava dos colegas. A surpresa se transformava em rotina. Era o silêncio, os novos hábitos que se introduziam na vida do campo. A minha vivacidade, o meu esforço de trabalho, a capacidade de produzir melhor, me daria um destaque, embora com reservas e desconfiança nas idéias que pregava. Um humanismo cristão incompreendido. Um Jovem rico que se casou com uma garota pobre, uma norma de vida diferente que se instituiu à sombra da Casa Grande. A política envolvendo-me, as tendências se fortalecendo após a revolução de 30. Novas perspectivas, novas esperanças com as mudanças estruturais da sociedade surgiam me atraindo, me arrastando. As leituras continuadas dos pensadores, dos sociólogos, dos romancistas. Lia tudo com sofreguidão. O pensamento em convulsão. Os comunistas, os fascistas, o integralismo tumultuavam a tranquilidade burguesa com os seus livros, seus problemas que me obrigavam a estudá-los. Embora senhor dos acontecimentos pelas leituras continuadas, não me inclinei por nenhuma dessas ideologias. Havia um problema que me distanciava deles, era o problema da liberdade crítica. Não conseguia aceitar a ditadura o autoritarismo, não; obstante compreender a mudança que se preparava. Era um liberal democrata. Lendo, estudando,

sempre tom um pensamento crítico tomei um social democrático. Fui deputado estadual quando projetei-me nos estudos de ordem econômica, política e social. A Assembléia Legislativa agitou-se pelos debates. Havia audiência, freqüência de assistentes, intervenções e aplausos. Essa posição levou-me ao Congresso Nacional onde participei de todas as reformas estruturais e das soluções econômicas que interessavam ao país.

Uma convicção social democrática fortalecida, plasmada nas lutas das praças públicas, em favor das liberdades, do direito de opinar e decidir. Depois, aparece o jornalista a pregar, diariamente, as suas idéias, a combater ao crime, as violências fraude, os erros em favor de uma nova ordem. Cristalizado o pensamento político, as ações democráticas, o sentido impresso à sociedade, surgiam as acusações de inteligência, honradez a serviço da incapacidade de realizações. Implantado o jornalismo independente, livre, a crítica construtiva, à reação lançava contra mim os pistoleiros ameaçadores. Impávido suportei tudo por uma convicção econômica, democrática e social. Não transigi, não cedi, não corri. Sustentei a luta denunciando os crimes contra economia, pelo GRUPO LUME, o fechamento da barra do Rio Sergipe, a proteção ao cangacerismo, com ânimo e coragem...

Hoje, tenho um jornal que o povo acredita no que diz. Eis o meu perfil, o meu caráter, o meu retrato.

(Este Artigo foi escrito por Orlando Dantas em 1980)



Aos 81 anos, Orlando jornalista

Orlando Dantas, a trajetória de um político

Luiz Antônio Barreto

Diante da biografia, hoje centenária, de Orlando Dantas o difícil é distinguir dentre tantos relevos da sua vida, qual o aspecto essencial, aquele que dá maior destaque, pois o itinerário seguido, desde a juventude, sempre ordenou, coerentemente, todas as suas opções. Orlando Dantas exerceu o jornalismo enquanto viveu. Foi, também por toda a vida, empresário. E como político participou, ainda jovem, da administração sergipana, ao lado do seu pai, o Presidente Manoel Correia Dantas. Há, ainda, um traço destacado de Orlando Dantas que é o seu ofício intelectual, exercido como Editoralista de vários jornais, crítico e memorialista, cuja obra merece uma leitura atenta.

Orlando Dantas teve uma participação ativa na imprensa estudantil, ao lado de Péricles Barreto e de muitos outros jovens, difusores das criações literárias e dos temas para os primeiros debates com a sociedade. Em Sergipe são muitos os grupos de estudantes, fundando e redigindo pequenos jornais, nos quais depositaram, com o ardor dos jovens, as suas esperanças em dias melhores, bem como fixaram, para sempre, as contribuições poéticas e ficcionais, os registros da crônica dos tempos. Na Gazeta do Aracaju, em o Nordeste e na Gazeta Socialista, depois mudada para

Gazeta de Sergipe, Orlando Dantas desempenhou sua missão jornalística, toda ele dedicada a formar uma opinião pública, capaz de fortalecer, na sociedade sergipana, a idéia do desenvolvimento do Estado.

Orlando Dantas jamais se afastou do comando do debate sergipano, colocando os seus jornais como tribunas avançadas, no combate ao crime, fosse quais fossem eles, na propaganda do desenvolvimento, na cobrança do posicionamento dos partidos e dos líderes políticos. Assim foi a principal voz, durante duas décadas ou mais, em defesa da exploração mineral, da construção do Porto de Sergipe, da revitalização econômica do campo, com zoneamento agrícola, em defesa sanitária, apoio à comercialização e diversificação das lavouras. Estudioso da economia sergipana Orlando Dantas apontava caminhos, corrigindo falhas, criando perspectivas positivas para o estado.

Na Gazeta de Sergipe a mais longa das suas atuações jornalísticas, fez escola, abrindo seu jornal para um grupo de jovens interessados no desenvolvimento de



Orlando Dantas sempre presente na vida política e cultural de Sergipe

Sergipe. Durante muitos anos a Gazeta de Sergipe foi repositório das expressões mais legítimas da vida sergipana, tanto com seu amplo e independente noticiário, como pelas suas opiniões fortes, contundentes, corajosas, em defesa das causas públicas, dos valores, dentre eles o da liberdade, nas quadras difíceis pelas quais passou o Brasil. A Gazeta de Sergipe ensinou a mais prática lição de luta, na resistência democrática, e deu como seu exemplo, uma contribuição ideológica sem precedentes e que, no momento, parece faltar a imprensa brasileira. Os atuais dirigentes, proprietários de empresas jornalísticas profissionalizaram o cotidiano da notícia e dos comentários, em função do mercado e não mais das causas sociais. Como empresário Orlando Dantas deu todas as demonstrações de que conhecia as atividades abraçadas. Participou de Bancos, criou empresa, mais sua atividade marcante foi a agroindústria açucareira, à frente da Usina Vassouras, em Divina Pastora, depois relocada para Capela, ampliada a sua capacidade produtiva, com a experimento do plantio de cana nos terrenos dos tabuleiros, bem diferente dos campos de massapê do Vale do Cotinguiba. Graças ao trabalho empresarial, Orlando Dantas dedicou alguns estudos à economia sergipana, destacando-se "O Problema Açucareiro de Sergipe", de 1944, uma análise da evolução dos empreendimentos agrícolas e industriais, contextualizada com o valor econômico das produções, tanto no Brasil como na pauta de exportação.

O político tem berço familiar

dos mais ilustres de Sergipe, com nomes projetados, como o ministro Coelho e Campos e o presidente Manoel Dantas e outros que atuaram em suas regiões, como Josias Dantas em Maruim, Antônio Correia em Capela e muitos outros. Em 1946 Orlando Dantas participou, ativamente do processo de redemocratização do Estado, fundando a Esquerda Democrática e por esta lista sendo eleito deputado a Assembléia Constituinte Estadual, onde como combativo parlamentar discutiu as questões do desenvolvimento, apresentou projetos, cobrou, em nome do povo, providências do Governo. A projeção da sua atuação parlamentar o levou à Câmara Federal, na eleição de 1950, tendo a oportunidade de discutir a questão do petróleo, as reformas agrária e cambial, e tudo o mais que interessava ao País, e ao Estado. Como deputado federal Orlando Dantas representou o Partido Socialista Brasileiro no qual continuou, tendo participação ativa na coligação com o PSD, PR, parte do PTB e da UDN, para eleição de Seixas Dória em 1962, para o Governo do Estado.

Na administração estadual, em 1963, instalou o Banco do Estado de Sergipe, sendo o seu primeiro Presidente dirigiu o Deso e assessorou com lealdade, o Governador Sergipano, até que o Golpe Militar de 1964, depôs Seixas Dória, prendendo-o em Fernando de Noronha. Orlando Dantas não mais retornou à vida pública, mas por sua influência o filho Hélio Dantas foi eleito Deputado Estadual, e nesta condição presidiu o Poder Legislativo, e Deputado Federal. No entanto, jamais deixou de

patrocinar causas políticas, estimulando o surgimento de novas lideranças e garantindo espaço para os grupos de oposição no Estado.

Além da franquia política como traço nítido da Gazeta de Sergipe, há outro aspecto a considerar, que tem a mesma marca de Orlando Dantas: o compromisso intelectual. Ele que em 1944, juntamente com José Calazans, Garcia Moreno, Marcos Ferreira de Jesus, Urbano Neto, Jorge de Oliveira Neto e outros, fundara o Centro de Estudos Econômicos e Sociais de Sergipe, patrocinava o jornalismo cultural, as colunas e suplementos, e destacava, generosamente, os autores sergipanos. Durante alguns anos, a Gazeta de Sergipe editou a Revista Momento, inteiramente dedicada à produção intelectual local. Tais exemplos fizeram de Orlando Dantas um integrante da Academia Sergipana de Letras, ocupando a cadeira número 39, fundada por Zozimo Lima, seu conterrâneo e amigo, colaborador dos seus jornais, e que tem como patrono, o poeta e magistrado Joaquim Fontes. Ao morrer, em 1982, Orlando Dantas foi substituído na Academia Sergipana de Letras, pela professora e historiadora Maria Thetis Nunes.

Orlando Dantas publicou várias obras, destacando-se o já citado "O problema Açucareiro de Sergipe" e "Vida Patriarcal de Sergipe", deixando, ainda, obras inéditas, sobre questões sergipanas, na perspectiva da história. Por sua vida, suas obras e seu exemplo o mínimo que se pode dizer de Orlando Dantas é que ele tem feito muita falta a Sergipe.

UMA HOMENAGEM A ORLANDO DANTAS

A FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SERGIPE alegra-se pela oportunidade de mais uma vez reverenciar a memória de Orlando Dantas a quem conferiu em vida a honraria máxima da indústria sergipana, a Medalha do Mérito Industrial.

Hoje, ao lembrar os seus 100 anos, ressalta sua trajetória de vida pública dedicada às grandes causas do seu Estado, pelas quais lutou destemidamente como jornalista talentoso e corajoso e como político combativo e estudioso dos problemas sociais e econômicos de Sergipe, à frente dos mandatos legislativos que exerceu e como fundador do Partido Socialista.

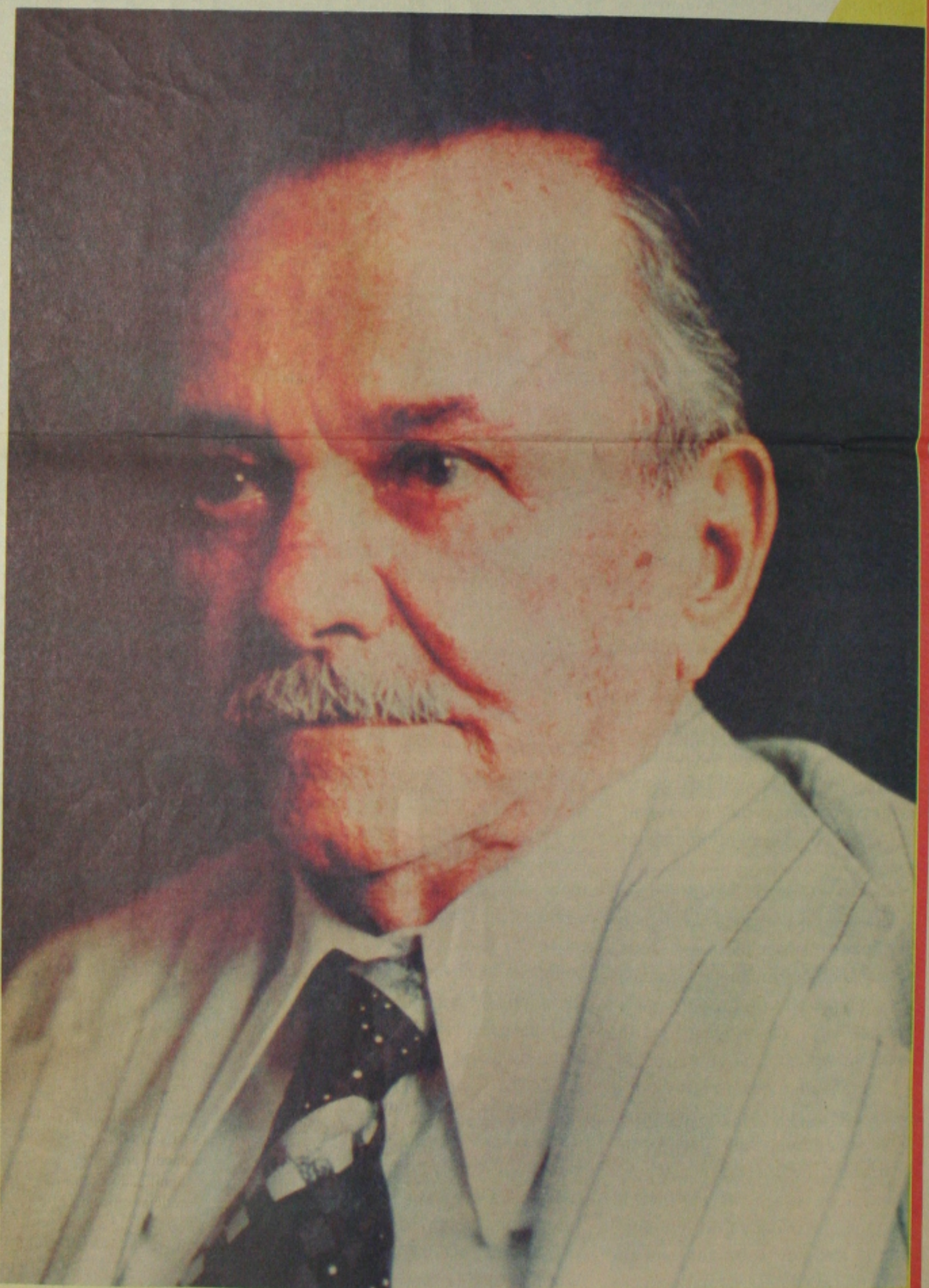
Lembra ainda sua eficiente passagem pelo Senai como seu Diretor Regional, pelo Banco do Fomento Econômico (Banese) e Deso, como Presidente daqueles importantes órgãos públicos e finalmente sua importante atuação como empresário ligado à agroindústria, quando inovou, incorporando áreas de tabuleiros inaproveitáveis ao plantio da cana de açúcar e montou a primeira destilaria de álcool do Estado.

A presença de Orlando Dantas como Conselheiro do CONDESE - Conselho do Desenvolvimento de Sergipe é também um fato a ser destacado na trajetória da sua vida pública, pela sua participação lúcida em todo o processo de planejamento e desenvolvimento econômico de Sergipe, influenciando nas decisões daquele prestigiado e competente colegiado.

Não podemos esquecer também a figura marcante do parlamentar Orlando Dantas, quando exerceu os mandatos de Deputado Estadual e Federal, tendo sido uma voz constante e ativa na defesa da criação da Petrobrás.

Toda a vida pública de Orlando Dantas foi dedicada ao seu Estado e a sua gente, sempre com muita bravura e destemor. Por tudo isto e muito mais, esta homenagem se torna pequena, quando gostaríamos que expressasse a dimensão real da nossa gratidão e apreço.

IDALITO DE OLIVEIRA
Presidente FIES.



Orlando Dantas, um jornalista de coragem

"Aqui tudo é comigo, ninguém tem coragem de nada"

Poucos meses antes de morrer, Orlando Dantas concedeu uma entrevista ao jornal cultural Urgia, que circulava à época em Aracaju. Foi a última entrevista de Orlando Dantas. Eis os principais trechos:

Em caráter especial, fomos entrevistar Orlando Dantas, usineiro, jornalista e diretor presidente da "Gazeta de Sergipe". Orlando, como de hábito, trajava um terno branco e durante 30 minutos falou-nos com firmeza sobre os primórdios da Gazeta (amargos por sinal) e dá política sergipana. Confessou-se jornalista desde os primeiros anos de sua juventude, mais precisamente quatorze anos, ainda aluno do Colégio Tobias Barreto. Sobre suas convicções políticas, declarou-se um social-democrata que busca a liberdade, não aceitando o arbítrio, nem a ditadura.

Orlando, como e quando você ingressou no jornalismo?

ORLANDO - Sem nenhuma pretensão afirmo que nasci jornalista. No Colégio Tobias Barreto, em 1913, eu e mais dois colegas fazíamos um jornal à mão. Depois comecei a escrever crônicas sociais. Umas bobagens próprias de um rapaz de 14 anos. Depois fui estudar na Bahia e na escola tinha um jornal impresso, no qual eu passei a escrever.

E a GAZETA, quando foi fundada?

ORLANDO - Eu fui deputado federal de 1951 a 1955, e quando voltei, nós criamos a GAZETA SOCIALISTA.

Nós quem?

ORLANDO - Nós do Partido Socialista.

Era um Boletim?

ORLANDO - Não. Um jornal do partido, um jornal aberto. Mas ele tinha que crescer e o partido não tinha condições de fazer o jornal. Daí é que criei a Gazeta de Sergipe.

Então, a Gazeta, ao contrário do que se pensa, não passou a ser Gazeta de Sergipe por motivos políticos, é isto?

ORLANDO - É, nunca houve repressão política. A repressão que eu recebia era econômica. Eu dirigia uma empresa de minha família e esta sofria as pressões porque eles vinham em cima de mim.

Mas houve uma época em que foram presos todos os jornalistas da Gazeta, não é verdade?

ORLANDO - Isto foi depois. Na revolução de 64, realmente houve repressão.

E como foi a, repressão que a Gazeta sofreu?

ORLANDO - Vocês vão ouvir: A revolução fez na Rua de Laranjeiras, uma exposição de exemplares da Gazeta para mostrar ao povo que o jornal era comunista. Alugou uma casa só para isto. Vieram aqui ver as armas que nós tínhamos. Aqui não tinha arma nenhuma. Tomaram conta do jornal por muito tempo, chegaram até a fechar.

Um dia fui chamado porque tinha escrito

uma nota contra o governador. Então eu disse ao major Silveira: Major, o senhor é contra isto que está escrito? Uma crítica a um homem que passa 24 horas no poder e telegrafa aos prefeitos comunicando o fato e convidando para um jantar, quando o estado se encontra numa situação financeira difícil? E ele respondeu: "Não, não sou contra, mas eu recebi um telegrama do comando da 6ª Região exigindo providências contra o seu jornal". Ai mandou um assistente para controlar as publicações e a partir daí o jornal passou a ser censurado.

Mas antes disso, já haviam fechado o jornal, por quê?

ORLANDO - Foi na hora em que a assembleia cassava os direitos políticos de Seixas Dória. Eu escrevi um editorial defendendo-o, mas o Comando do 28º BC foi avisado antes do jornal ir às ruas. Eles vieram aqui, apreenderam toda a edição e fecharam a Gazeta. Ficou fechada por um tempo, depois nós reabrimos.

Foi nesta época que os jornalistas da Gazeta foram presos?

ORLANDO - É, foram detidos, preso mesmo só Chatô, que passou dois dias.

E depois de tudo isto, o jornal continuou com o mesmo posicionamento político?

ORLANDO - Claro, a Gazeta foi criada para ser um jornal de luta, de denúncia. Nasceu semanal e foi crescendo até chegar a diário. Um jornal político, apartidário, mas com orientação. Ainda hoje é assim. Tá vendo aí? Meu filho é deputado por um partido e a Gazeta não apoia partido nenhum. A oposição de Sergipe respira pela Gazeta. Tem outro jornal para ela respirar?

Voltando à política. Qual a sua posição atual? A situação diz que você é da oposição e vice-versa, como é que fica?

ORLANDO - Eu todo dia digo, sou um social-democrata que busca a liberdade, não aceito o arbítrio nem a ditadura. Agora, não sou partidário. Por quê? Porque não aceito o tipo de partidarismo, são legendas...

Para efeito de que? Efeito de eleições meramente. São cargos públicos muito bem remunerados, que todo mundo quer ter. Eu sou contra tudo isto.

Você já foi filiado a algum partido político?

ORLANDO - Quando o governo federal baixou uma lei abrindo a política nacional, eu ingressei na ARENA junto a mais 153 pessoas. Nós agimos através da associação comercial, e, quando fomos nos inscrever, o governo proibiu. Nós tivemos que requerer ao juiz, e o juiz autorizou um livro para que nós pudessemos nos inscrever. Não pudemos concorrer porque eles não deixaram. Então deixei a ARENA porque não fazia sentido. A lei era uma coisa e a realidade era outra. Anteriormente fui filiado a Esquerda Democrática, depois ao Partido Socialista Brasileiro.



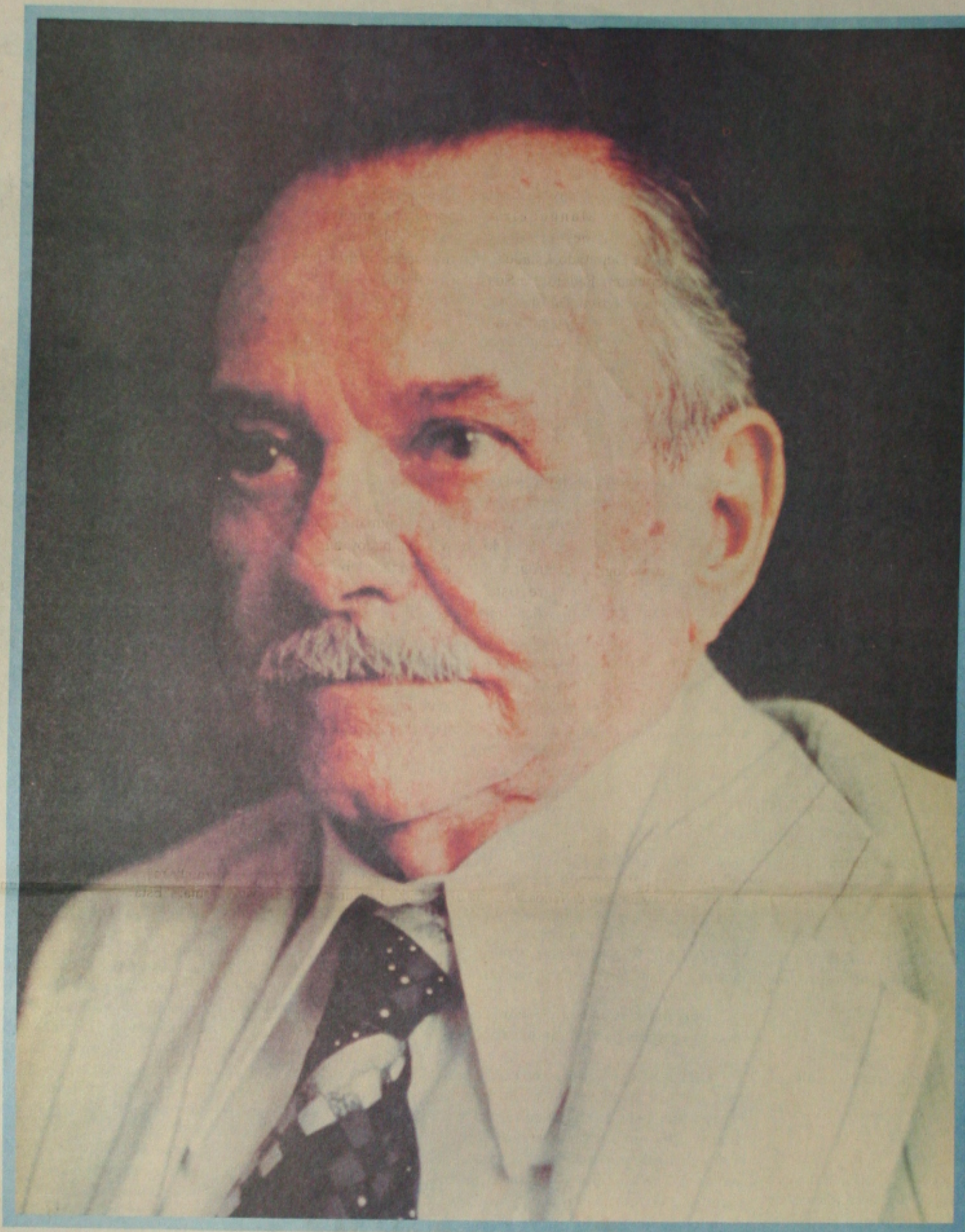
Década de 60: Orlando Dantas com o Governador Seixas Dória, João Oliva e Francisco Rosa

Orlando Dantas

João Oliva Alves

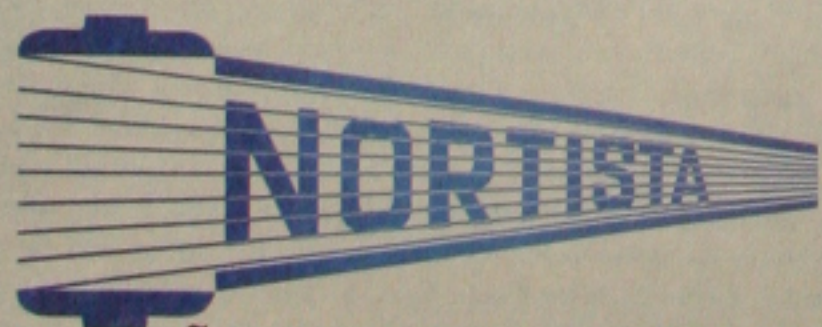
O meu convívio com o jornalista Orlando Dantas começou desde a primeira fase da "Gazeta", ainda com o nome de "Gazeta Socialista". Funcionário do IBGE em Riachão do Dantas, fui transferido em janeiro de 1956 para a Inspeção Regional desta Capital, onde encontrei, como colegas, Pascoal Maynard, José Rosa, Antônio Lopes (Macêpa) e outros que haviam fundado na I.R. um jornal com o nome de "Sergipe Ibgeano", no qual também eu, desde o interior, colaborava, enviando meus artigos. Logo no mesmo mês de janeiro fui abordado pelo jornalista O. Dantas, dizendo-me ele do seu plano de implementar a "Gazeta Socialista" com uma equipe que estivesse disposta a colaborar com ele na propagação de idéias sociais e progressistas, contra o conservadorismo de uma política retrógrada que imperava em Sergipe. Acrescentou que já obtivera a adesão daqueles meus companheiros ibgeanos e perguntou se também eu queria integrar o seu elenco. É claro que aquiesci com entusiasmo, formando ao lado dos colegas do IBGE e mais: Ivan Valença, Ancelmo Gois, Ariosvaldo Figueiredo, Hildebrando Lima, Hildegardo Azevedo e outros, o grupo de militantes daquela campanha que acabava de nascer na rua São Vicente, sob a liderança enérgica do jornalista que mais marcou a história da imprensa sergipana, nos últimos 50 anos. Orlando Dantas vinha de lutas político-sociais em que se destacara na fase da redemocratização do país, após o fim do Estado Novo, sendo fundador da Esquerda Democrática, depois o Partido Socialista em Sergipe, juntamente com Antônio Garcia e outros brilhantes intelectuais da época. Eleito à Assembleia Legislativa do Estado, desde a fase Constituinte, e depois à Câmara Federal, foi um dos que mais lutou pela implantação das conquistas sociais em favor das classes populares, tanto na Carta Magna como nas leis ordinárias aprovadas durante o período em que ele foi deputado. Fundado o seu jornal, mas percebendo ele que o nome, "Gazeta Socialista", provocava retração entre os anunciantes mais conservadores e preconceituosos, mudou logo para "Gazeta de Sergipe", contornando com senso realista este problema e suas conseqüências econômicas para a manutenção da empresa. Daí em diante seu jornal continuou como verdadeiro instrumento de transformação social, cultural e política, no Estado. Sua filosofia passou a diferir dos demais órgãos de imprensa, a partir do tratamento dos assuntos, dando prioridade às implicações sociais dos problemas políticos, sobre o mero significado das relações políticas entre os detentores do poder. Nas reportagens, notícias ou editoriais, a ênfase tinha que concentrar-se não nas meras disputas entre grupos ou pessoas, nem na esperteza dos políticos em conquistar maior prestígio e benesses, mas sim no uso que estes faziam do poder, em função dos interesses da coletividade. Mantinha em permanente debate e análise todos os problemas do Estado: educação, saúde, agricultura, aproveitamento dos nossos minérios etc.. A escola que se criara na GS, gerou mais tarde a edição de uma revista cultural intitulada MOMENTO, com publicação de artigos sobre história, pesquisas folclóricas e outros, com colaboradores de dentro e de fora do próprio jornal. Com o conhecimento que tinha dos problemas do Estado, Orlando Dantas nos editoriais do seu jornal, aprofundava os debates, contestava as falsas soluções e denunciava, veementemente, as falcatruas que acaso se ocultassem por baixo de certos projetos. Quem não se lembra das suas famosas denúncias contra as manobras do grupo Lume? Ou dos seus editoriais sobre o porto de Sergipe, analisando o processo "of shore" adotado pelo Governo, que ele considerava protelatório e inviável? Era assim este combativo e corajoso defensor do nosso povo, cujo centenário de nascimento Sergipe celebra, com saudade, no dia 28 deste, e cuja figura a imprensa sergipana relembra com respeito como a de um Mestre que, deveras, fez escola de jornal em sua época, até hoje. Que Deus o tenha no lugar que Ele reserva aos que lutam pela justiça.

AOS EMPRESÁRIOS



O espírito empreendedor do empresário é uma das chaves do desenvolvimento. Orlando Dantas foi um empresário em toda a sua plenitude. Irrequieto, empreendedor, corajoso e sério. Cumpridor dos seus compromissos, e possuidor da certeza do dever social que reveste o homem de empresa.

Um empresário inovador na indústria açucareira, nas empresas de comunicação, um líder incontestado a quem Sergipe muito deve. Se vivo estivesse, Orlando Dantas estaria completando hoje 100 anos. Esta é a homenagem ao empresário, ao homem e ao líder Orlando Dantas por nós, que fazemos a Usina São José do Pinheiro e a Fiação e Tecelagem Nortista. Que sua vida sirva de espelho às novas gerações de sergipanos.



FIAÇÃO E TECELAGEM NORTISTA



USINA SÃO JOSÉ DO PINHEIRO

O centenário de Orlando Vieira Dantas

(28/09/1900 - 28/09/2000)

Maria Thetis Nunes

Fui apresentada a Orlando Dantas pelo Prof Arthur Fortes, seu grande amigo, quando ainda aluna do Curso Complementar do Atheneu, para ensinar ao seu filho Augusto quando ele iniciava o curso ginasial. Mantivemos relações de amizade ao longo dos anos, e quando retornei a Aracaju em 1965, me convidou para escrever na Gazeta de Sergipe, o que, de quando em vez, até hoje faço. Ao ir entregar-lhe um artigo para publicação gostava de com ele conversar, ouvir seus comentários valiosos sobre a política nacional e regional.

Coube-me, coincidentemente, em 9 abril de 1983, por sua morte, preencher a cadeira que ocupava na Academia Sergipana de Letras.

Não se contentou Orlando Dantas na atuação de empresário progressista e bem sucedido. Buscou os caminhos do jornalismo e da política, agindo de forma destemida e inconformada, denunciando as arbitrariedades do poder, as injustiças sociais, na defesa de um mundo mais justo e mais humano. A Gazeta de Sergipe, o jornal por ele fundado em 1956, que amava e dele se orgulhava como um filho querido, torna-se-ia o arauto das causas nobres, respeitado pela opinião pública e temido pelos prepotentes. Incentivava os movimentos culturais inovadores, estendendo a mão aos jovens ao pressentir serem eles portadores de talento e idealismo. Na história do jornalismo sergipano, é importante sua participação.

A inquietação era traço marcante da personalidade de Orlando Dantas. Mesmo octogenário, sempre olhava o

futuro, arquitetando para o amanhã, planejando concluir um novo livro, do qual me falou, com entusiasmo, poucos dias antes de falecer.

Suas convicções políticas se identificaram com o programa da Esquerda Democrática, nascida em 1945 quando da redemocratização do Brasil, congregando nomes de grande envergadura moral como João Mangabeira, Domingos Velasco, Hermes de Lima. Em 1946, elegeu-se Deputado Estadual, e em 1950 Deputado Federal. Sua passagem pelo Legislativo foi atuante, desassomburada, na apresentação e na defesa de projetos como reforma agrária, reforma bancária, organizações partidárias e sindicais, e, sobretudo, na criação da Petrobras, enfrentando, com coragem, os entreguistas a serviço do capital internacional.

Deixando a tribuna parlamentar, a Gazeta de Sergipe passou a ser a nova tribuna onde, até ser derrubado pela morte, lutou pela transformação do Sergipe Provinciano, agrário, retrógrado, num Estado moderno, progressista, industrializado. Ao diagnosticar as causas do subdesenvolvimento sergipano, apontava soluções progressistas. Lutou pela exploração das nossas jazidas minerais, paralisada pelo interesse das multinacionais por ele denunciadas.

O interesse pelos problemas sergipanos e sua solução, Orlando Dantas não se restringiu, apenas, aos editoriais da Gazeta. Estão ampliados e condensados nos livros *O Problema Açucareiro de Sergipe* e *A Política de Desenvolvimento de Sergipe*, escritos em estilo simples, agradável, atraindo o leitor para os

problemas apresentados. Representam uma comprovação de uma vida dedicada à sua terra e à sua gente.

O grande sonho de Orlando Dantas era escrever a história política de Sergipe a partir do Segundo Império ao fim da Velha República, que se encerraria como governo de seu pai, o Sr. Manuel Correia Dantas. Para torná-lo realidade, passava horas nos arquivos consultando documentos, heroicamente enfrentando as limitações trazidas pela deficiência

da visão surgida. Desde debruçar sobre o passado sergipano, nos legou *A Vida Patriarcal de Sergipe*, buscando retratar a realidade social da região açucareira sergipana, no qual está presente, sobretudo, o memorialista. Nele, desfilam quadros da sociedade açucareira da região onde viveu a infância e a juventude. A vida cotidiana do Engenho, os imensos canaviais devorando as férteis terras do massapê, as condições subumanas das senzalas onde vivia o trabalhador agresso, na maioria, da escravidão, em condições que a Lei Áurea não alterara, são descritas com espontaneidade. Desfilam nas páginas do livro, com o sopro de vida transmitido pela evocação, as cenas familiares, as festas alegres, os folguedos populares envolvidos na simplicidade que o povo lhes dá.

Os núcleos urbanos florescidos à sombra da Casa-Grande Divina Pastora, Capela - são por ele retratados, com pinceladas vivas e coloridas, na sua dependência do engenho. Era sua gente que lhes dava animação nos domingos e dias festivos quando ali chegavam, especialmente os jovens, nos cantantes

carros-de-bois ou nos cavalos ricamente ajaezados.

Ao lado do memorialista, o cientista social foi fixando todo um mundo que as transformações econômicas fizeram desaparecer, enfatizando as características marcantes dessa sociedade onde nasceu e cresceu, a importância do senhor de engenho no comando da política local e estadual, fazendo e desfazendo eleições, elegendo intendentess, vereadores, governador, deputados e senadores por toda a Velha República, continuando uma tradição enraizada na época imperial, e que o 15 de novembro não alterara.

Era Orlando Dantas o Humanista, o intelectual voltado para o Homem, buscando o florescimento de todas as potencialidades que ele traz em si, na luta pela domesticação da natureza para que lhe seja dada viver uma vida melhor e plena de dignidade.

Foi ele um dos poucos integrantes da Inteligentzia sergipana, um daqueles intelectuais interessados na produção e difusão de idéias que contribuam para a reforma social ou para o processo revolucionário, buscando, sobretudo, pensar com independência. Sua atuação se situa no dizer do sociólogo Guerreiro Ramos, ao insurgir-se contra os que, no Brasil, afirmavam ser a vida intelectual incompatível com a política: "O intelectual que vive profundamente a ética da inteligência reconhecerá que seu magistério terá de ser deliberadamente política".

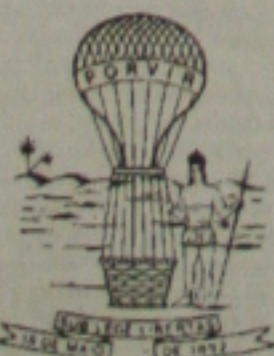
Lutou Orlando para tornar Sergipe mais humano, configurando politicamente seu povo para viver livre das profundas distorções sociais existentes.

100 ANOS

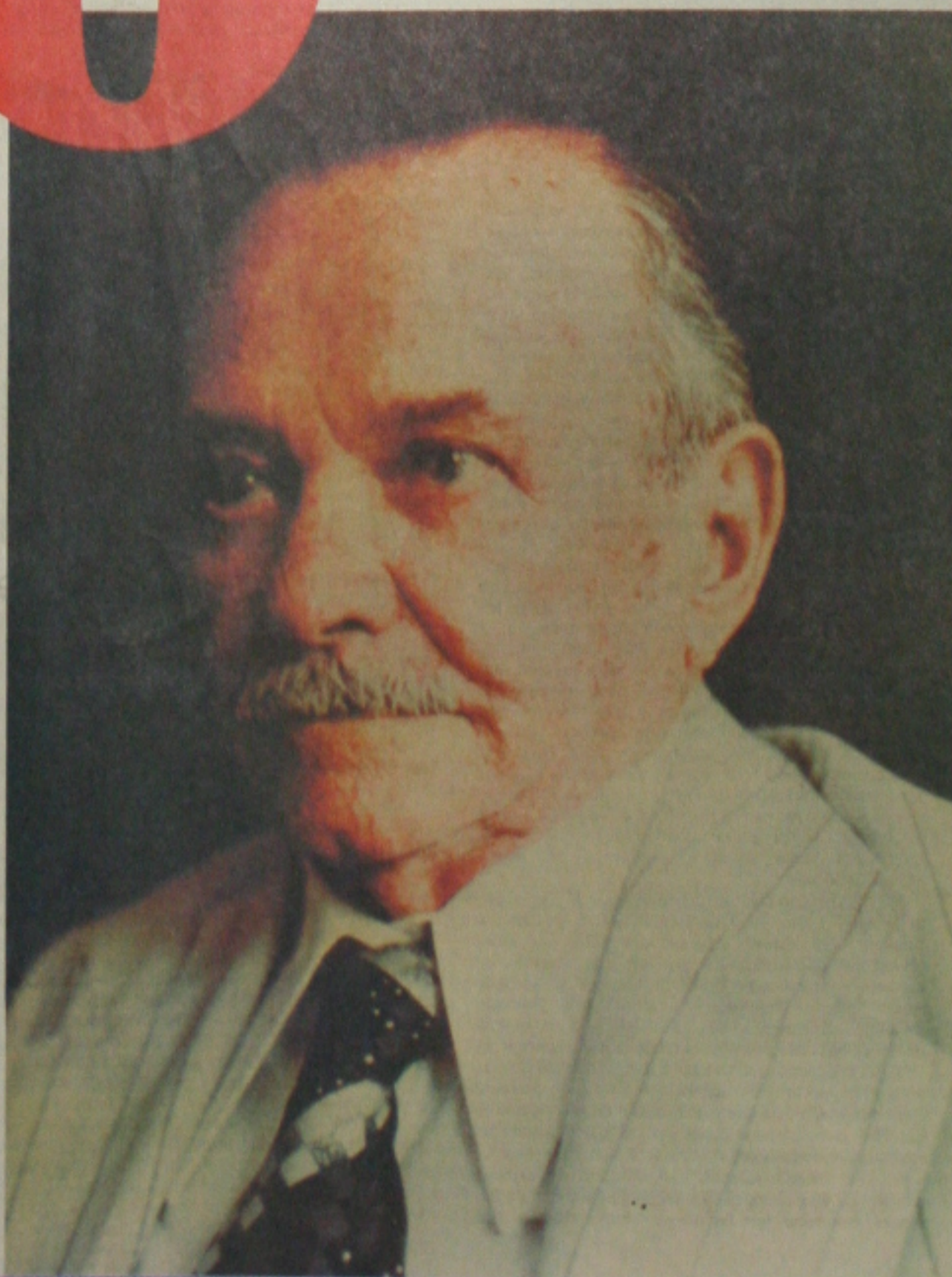
Homem digno, íntegro e de idéias que honraram esta casa. Orlando Dantas é motivo de orgulho de todos os sergipanos.

Homenagem dos que fazem a Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe, no centenário de nascimento do ex-deputado estadual e federal, jornalista Orlando Dantas.

28 de setembro de 2000



ESTADO DE SERGIPE
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA



Orlando, O

Orlando Dantas foi deputado federal pelo PSB de 1951 a 1952 em debate em que foi um dos

ORLANDO E A TERRA

O SR. ORLANDO DANTAS(*) - Sr. Presidente, na transcrição, nos "Anais" desta Casa, do discurso do Sr. Getúlio Vargas, no dia 7 de abril, temos de considerar o conteúdo do mesmo nos seus aspectos positivos e negativos. A prática que o Sr. Getúlio Vargas vem adotando de, mensalmente, falar quanto à posição do Governo face aos problemas do povo, é uma prática salutar da democracia, porque é a consciência do povo que se forma através da discussão de assuntos vitais e, politicamente, a melhor maneira de se formar tal consciência.

Se o senhor Getúlio Vargas, através de seus discursos, se compromete com o povo a realizar o programa que anunciou, por sua vez estabelece contradições entre as diretrizes rigidamente conservadoras de seu Governo e a pregação nitidamente popular que realizou.

As soluções que S. Exa. vem apresentando, todavia, são de emergência. Dai a reação de certa burguesia brasileira, que o apoia, cuja mentalidade decorre da própria formação do setor que caldeou sua economia e sua riqueza num protecionismo exagerado, na base de lucros extraordinários, meramente especulativos.

Seu último discurso, em 7 de abril, encerra fatores políticos positivos e negativos.

Para nós, socialistas brasileiros, quando S. Exa., fala em dividir os latifúndios improdutivos em fazendas coletivas, os kolcoses, e em estender aos trabalhadores dos campos os fatores da legislação trabalhista, para nós, há uma relativa alegria, muito embora não possamos acreditar que S. Exa. o Sr. Ministro da Agricultura apresente projetos que tais.

Nesta Casa, entretanto, na legislatura passada, a bancada do partido Socialista Brasileiro apresentou projeto, mandando estender aos trabalhadores do campo as mesmas vantagens conferidas aos das cidades.

São pontos de identidade ouvi-los constantemente pelo povo, e que o Poder Executivo precisa resolver. Temos de considerar isso um fato positivo na formação da cultura política do povo brasileiro.

O lado negativo da fala governamental decorre da preconização de medidas não definitivas. A ausência de providências dessa natureza apenas dá tempo a que as forças contrárias se organizem para derrotar as medidas de emergência. Outra negativa foi o final de seu discurso. O Senhor Presidente da República demonstrou, realmente, ser de sua própria formação política a maneira pela qual se externa. Foi, de fato, muito infeliz nesse ponto, e nós não podemos, de forma alguma, concordar com as últimas expressões do seu discurso.

Levando, porém, em consideração os lados positivos da palavra presidencial, sou de parecer que a mesma deve ser transcrita. Isto não implicará, podem ficar certos os Senhores Deputados, em modificação de nossa atitude da independência perante o Governo. Saberemos combatê-lo quando estiver errado, como já fizemos nesta Casa, mostrando, numa linha imparcial e justa, que o Executivo trilhou sentido errado, quanto à política econômica, ao organizar o Ministério com forças contrárias ao seu pensamento institucional.

Por esta razão e ainda porque o povo está em marcha para o poder, não nos é dado, de forma alguma contrariar os seus interesses. E o povo precisa realmente ir para o poder a fim de salvar a democracia brasileira. Então, o sistema econômico vigente modificar-se-á e o bem estar coletivo será satisfeito.

São estas as nossas esperanças: concitar o povo e os homens de boa vontade para que se congreguem, com o intuito de, o mais rapidamente possível, concretizar seu objetivo.

São estas, portanto, as palavras do meu Partido, neste momento, encaminhando a votação do requerimento que pede inserção, nos "Anais" da Casa, do discurso de 7 de abril. (Muito bem, muito bem. Palmas).

(DISCURSO PRONUNCIADO EM 1951)

ONACIONALISTA

O Sr. Orlando Dantas - Estou ouvindo V. Exa. com a atenção que merece. A Câmara ainda não se decidiu entre o que deve escolher: uns se inclinam para a solução autárquica, outros preferem a solução da economia mista. Desejo colaborar com Vossa Exa., que é pela tese estatal. Alega-se, nesta Casa que a sociedade mista, no Brasil, tem dado resultados positivos e citam-se Volta Redonda e a Companhia Vale do Rio Doce. Entretanto Volta Redonda quase não tem capital privado, pois este não representa nem 5%, mesmo o capital particular, somado aos dos Institutos e outras autarquias, não atinge 15%. Quanto a Vale do Rio Doce, repete-se o mesmo fato: também não vão a 5%, mesmo incluído a participação das entidades estatais. A conclusão, portanto, é a de que o capital brasileiro não está interessado nessa operação. V. Exa. deve compreender ainda, que a tese de que o Governo americano poderia emprestar o dinheiro ao Governo brasileiro, como fez em Volta Redonda, não procede, porque a política do Departamento de Estado norte-americano da referência a petróleo é muito diferente da que adota com relação às outras atividades industriais. O Governo americano não empresta. Já o Ministro do Exterior, Sr. João Neves de Fontoura, mencionou, no Senado, e tem declarado publicamente, as grandes dificuldades a fim de se conseguir prioridade para a compra de material, porque a política ianque não permite que os trustes percambam o controle sobre o petróleo no mundo inteiro. Estou colaborando com Vossa Exa. para acentuar que a tese estatal seria a única. E muito bem disse o Presidente do Partido de Vossa Exa. como está redigido o projeto da Petrobrás, de maneira alguma os capitais estrangeiros concorrerão; eles só se interessam nessa atividade quando ficam donos absolutos de tudo.

O Sr. Orlando Dantas - Permita ainda V. Exa. Quero dizer que, agora, na Conferência interamericana, a Standard Oil esteve representada pelo seu vice-presidente, que abordou o problema da inversão de capitais estrangeiros no Brasil, provocando, da parte de nosso colega Deputado Eivaldo Lodi, protesto imediato. Realmente, não interessam à economia nacional as condições sob as quais eles querem vir ao Brasil. O dinheiro que trazem é sempre menos do que aquele que levam isto acentuou o Deputado Eivaldo Lodi na Conferência e vem demonstrar que no tocante ao petróleo os trustes não querem abrir mão de seu controle e nem estão interessados em colaborar com a Petrobrás.

O Sr. Orlando Dantas - A respeito de capitais privados no Brasil, segundo o Deputado por São Paulo, queria esclarecer que os nossos capitais diferem dos

capitais americanos. É que um país como o nosso com o volume de capital existente, não se interesse por esse gênero de atividade, porque, há outros setores em que o capital rende muito mais e imediatamente, tornando o capital mais móvel. No momento os capitais não se interessarão. Não é por força de lei que o ser vão interesse em todas as atividades em que o Brasil tem interferido. Eles fogem. Mesmo compulsoriamente, não modificarão de atitude. E exemplo disto temos nos títulos do Governo. Por que não tomam os títulos do Governo? Alega-se a dificuldade de outros, mas, na realidade existem outras fontes de receita maiores, e, repito, eles não se interessarão por essa atividade, sob forma de companhia mista. Por isso, não devemos alimentar fantasias, nem esperanças, com recibo do Estado, alegando que esses não administra muito bem. Contesto a afirmação. Não é o Estado que administra mal, são os homens públicos; são eles os responsáveis. Os chefes de partidos, os homens da economia privada, todos respondem pela má administração pública. Temos exemplos nas estradas de ferro: a Leopoldina, quando inglesa, não era mal administrada; a Santos-Jundiaí, quando inglesa, não era também administrada com atualmente. Todas as demonstrações públicas indicam que a administração dessas ferrovias pelo Governo brasileiro é muito mais perfeita. Temos ainda o exemplo da Mogiana; o Estado vai interferir na Mogiana porque está sendo mal administrada.

O Sr. Orlando Dantas - V. Exa., está enganado. Na seção econômica de "O Jornal", foi publicado notícia de São Paulo demonstrando que, segundo estatísticas, os lucros dessa companhia, na atual administração, foram muito superiores aos obtidos no tempo dos ingleses. Portanto, contesto a alegação de que o Estado não dirige bem. As causas de má direção - sabe V. Exa. - são muito mais profundas e existem tanto nas atividades privadas como nas atividades públicas. Quantas companhias particulares têm falido? Por ventura os homens que as dirigem todos em abono do argumento de que a companhia mista é a única recomendada para a exploração do petróleo. Devemos realmente defender a tese estatal, porque o nosso País, só através de impostos, encontrará recursos para resolver problema de tal magnitude.

(Apartes a discurso o pronunciado pelo deputado Doutel de Andrade - 1952).

DEFESA DA ESTATIZAÇÃO

Sr. ORLANDO DANTAS - Sr. Presidente, em foco o problema do petróleo, não me era possível deixar de debatê-lo no grande expediente.

Nesta Casa, duas grandes correntes se formam, visando a solução do magno problema - uma, orientação no sentido da exploração através do monopólio estatal outra, pela exploração através de sociedade de economia mista.

O assunto já está com o que meio saturado; entretanto, preciso ressaltar que, se muitos Deputados estudaram o problema, opinando, afinal, quer pelo monopólio estatal, quer pela exploração por meio de sociedade de economia mista, outros existem que apenas acompanham uma das correntes, enquanto grande parte se posta meio indiferente, pontá, sempre a seguir a orientação da maioria.

Sr. Presidente, os poucos minutos de que dispomos para debater a matéria, evidentemente, não me possibilitam focalizar o problema em seus detalhes, embora já tenha definido meu pensamento em diversas oportunidades. Todavia, preciso acentuar, mais uma vez, que defendo a tese do monopólio estatal, sem segundas intenções e baseado no programa do meu partido, programa dentro do qual se procura solução para os problemas do Brasil, solução a mais consentânea com a situação hodierna.

O Sr. Augusto Meira - Permita-me o nobre, colega. Os dois regimes, o estatal e o da Petrobrás, podem bem servir à nação, desde que se cumpra a nossa Carta Magna. Ambas as Constituições - a de 1937, decretada pelo Presidente Vargas, e a de 1946 - estabelecem que no caso de se formarem sociedades anônimas, estas serão constituídas exclusivamente por brasileiros. Se introduzirmos, na lei ordinária, a possibilidade de entrarem os estrangeiros, em grupo, violaremos a Constituição, atraçaremos o Brasil e ficarem em situação deplorável moral e juridicamente. Todos nós nos comprometemos civicamente de defender os interesses do país. Consequentemente, em face da nossa Carta Magna e do pensamento íntimo do Sr. Presidente da República, manifestado mais de uma vez, ficou assegurado - seja na Constituição atual, seja naquela por S. Exa. outorgada - que essa sociedade só poderá ser constituída por brasileiros, porque, se dela participarem estrangeiros, a letra da Constituição ficará apagada, ficará riscada. É este o ponto que precisamos ressaltar, conseguindo a união de todos as consciências em defesa do Brasil. Esses trustes constituem ameaça enorme e um perigo, até mesmo na América do Norte, como demonstrou Kilsen - a quem ontem me referi, da tribuna - citando suas palavras: O próprio Governo norte-americano, segundo a afirmação do grande homem público, deve temer essas companhias. Calculem Vossas Excelências o que seriam essas empresas formidáveis, localizadas do Amazonas ao Rio Grande do Sul, senhoras do subsolo da terra brasileira.

O Sr. ORLANDO DANTAS - Muito obrigado pelo aparte de Vossa Excelência.

Nós, do Partido Socialista Brasileiro, entendemos que os combustíveis, a energia, os transportes, o dinheiro e o crédito devem ser privativos do Estado, porque, através desse instrumento de trabalho é que se processa, rapidamente, o enriquecimento do povo brasileiro.

Assim, não podemos admitir, de si consciência, que a atividade privada queira fazer o fundamental, daquilo que é imprescindível a todas as atividades, um objeto de lucro e de exploração do homem pelo homem.

Defendemos, conseqüentemente, uma tese que consideramos fundamental sobretudo, num país como o nosso, de economia semi-colonial, cuja expansão depende de esforço tremendo do seu povo para libertar-se das peias que o juncam a toda as forças capitalistas do mundo imperialista. Ora, ante esta situação, é evidente que a tese do monopólio estatal para a exploração do petróleo é a mais conveniente à libertação econômica do povo brasileiro.

Peço a V. Exa. Sr. Presidente, que me inscreva no grande expediente de amanhã, a fim de que possa continuar meu discurso a respeito do problema do petróleo no Brasil. (Muito bem; muito bem).

(Discurso proferido em 16-6-52).

ORLANDO E A PETROBRÁS

O SR. ORLANDO DANTAS - Sr. Presidente, continuando minhas considerações a respeito do problema do petróleo procurarei ser o mais objetivo possível, a fim de não cansar a Casa (não apoiados) que, efetivamente, já deve refletir a saturação do problema.

Os defensores da sociedade, de economia mista fundamentam a sua opinião em três segmentos, primeiro o apoio do capital privado; segundo a flexibilidade de ação que a sociedade de economia mista apresenta; terceiro, o combate à burocratização que as fórmulas estatais ou seu modo de entender parecem.

Sr. Presidente, creio que, analisando esses argumentos demonstraremos que eles não procedem, e não é exato que a sociedade de economia mista é a que melhor responde aos interesses nacionais. Esta forma de sociedade foi adotada há poucos anos pelas forças capitalistas nos países super-capitalizados, com o objetivo de impedir a intervenção do Estado no domínio econômico, visando o benefício do povo em geral.

As sociedades de economia mista possuem todos os

Shell Mex, a Texas Co., a Caloric Co. e a... Essas cinco sociedades de capital estrangeiro com nomes e alguns acionistas brasileiros... todo ramo de distribuição de petróleo no Brasil.

Quero, Sr. Presidente com estes dois demonstram que o capital privado do Brasil... interessa de maneira alguma, por atividades tais sugere à Petrobrás. E como comprovante do que temos duas concessionárias, uma em São Paulo e no Distrito Federal, representadas pelos grupos Sampaio e Peixoto de Castro. Esses dois grupos... se debatem com grande dificuldade financeira... realizar as tarefas que se propuseram a instalar refinarias, uma de vinte mil barris diários, e outras mil barris diários, numa demonstração inofensiva... que o capital privado no Brasil tendo outras condições auferir bastante lucros não se interessa em participar solução desse magno problema.

Mas Sr. Presidente, é o hábito da terra trazer exemplo dos Estados Unidos, Inglaterra, França e países como padrões para solucionarmos os problemas econômicos. Creio que não podemos de maneira alguma, nos orientar como esses países se orientaram em épocas respectivas, quando atingindo o capitalismo esses países o seu apogeu, passaram a se interessar

Para Deputado Federal

VOTAI EM



ORLANDO DANTAS

O DEFENSOR DAS LIBERDADES, Política, Económica e Religiosa do Povo Sergipano.

PELA DEMOCRACIA - PELO BRASIL

VOTAI EM 3 DE OUTUBRO NESTE COMITIVO CANDIDATO A CAMARA FEDERAL

Faz smile da propaganda eleitoral de Orlando Dantas na campanha de 50

defeitos da sociedade híbridas - de direito público e privado e não podem ser, por falta absoluta de elementos, devidamente fiscalizados pelo Estado. É visível sacrifício do poder do Estado em favor dos monopólios e dos trustes.

Quero valer-me, mais uma vez de Bielsa - porque o Deputado Alomar Baleeiro também já se valeu desse mesmo autor - quando afirma que a forma de sociedade mista e de exploração de riquezas minerais, em certas indústrias vinculadas ao Estado no serviço de defesa nacional, não é recomendável. Adotar-se o princípio da igualdade entre entidades de Direito Público e de Direito Privado é sacrificar o Estado em favor dos trustes.

É a afirmação de um grande professor de Direito Administrativo da República Argentina que, tendo a experiência do seu próprio país considera um mal adotar-se nesses casos, a exploração através de sociedade mistas, como a que se propõe - a Petrobrás Brasileiro S.A.

No Brasil, país de economia semicapitalista, o interesse do capital privado não se inclina para esses tipo de sociedade, nem para a exploração de serviços públicos ou de atividades que requeriam grandes inversões em prazos longos, porque a renda líquida e a mobilidade do capital nacional encontram condições mais atraentes nos vários setores das outras atividades da vida econômica brasileira. Poderemos perfeitamente exemplificar com os serviços de força e luz do Brasil que não pertencem a empresa privadas, de capital nacional. Todas elas embora com nomes variados pertencem a Light ou, então a "Bond & Share" explorando o serviço de luz e força no Brasil inteiro. E tivemos recentemente por estudo da Comissão Mista e por despacho do Sr. Presidente da República, aprovado pelo Banco Internacional empréstimos à essas companhias num volume de 41 milhões de dólares. Isso demonstra que o capital privado no Brasil jamais se encontra nesse setor da atividade econômica.

Por outro lado temos no serviço de petróleo do Brasil, cinco grandes companhias a Standard Oil, a

essas atividades. E os governos desses países associados-se aos capitais privados procuraram expandir-se mundo, a busca das vantagens que suas economias lhes asseguravam. Assim poderemos realmente compreender por que os grandes trustes da Standard e da Shell dominam no mundo inteiro as atividades petrolíferas. Sim, esses dois grupos encontram por parte dos seus governos apoio irrestrito. Seus interesses se confundem com os dos imperialistas governantes.

Mas, se quisermos transportar para o Brasil essas soluções, esbarraremos ante condições estruturais completamente diferentes. E que somos um país, a economia semicapitalista, enquanto os Estados Unidos e outros países europeus como Inglaterra, França, Holanda são super-capitalizados. Essas nações conseqüentemente têm orientação diferente do Brasil país em expansão mas que realmente ainda está longe de atingir as mesmas condições.

Estou certo, Sr. Presidente, de que o apoio do capital privado não se fará presente as sociedades de economia mista no Brasil.

Poderemos examinar as empresas desse tipo existentes, temos a Siderúrgica Nacional, grande organização que hoje é orgulho de todos nós, mas com uma percentagem mínima de capital privado. Temos aqui os dados: Governo e Institutos 94%, particularmente 6%. Nestes, estão compreendidos Bancos estrangeiros, empresas estatais e a Belgo Mineira. Há, conseqüentemente, cooperação diminuta e insignificante. Já na Volta Redonda seria o fator de industrialização no país com recursos tão mínguos. E sabemos que, por muito tempo o Governo colocou este problema, para que o povo e os capitalistas por ele se interessassem. Houve eufhoria, em certo setor entusiasmado com essa grande obra. Mesmo assim, a percentagem foi insignificante.

Há ainda outra companhia, a do Vale do Rio Doce, respeito da qual o Deputado Israel Pinheiro, certa feita respondendo ao discurso do Deputado Artur Bernardes afirmou desta mesma tribuna, que a percentagem de capital do Governo naquela Companhia era de 95%.

Parlamentar

1955. Foi a época em que se discutiu a criação da Petrobrás, mais atuantes parlamentares

Evidentemente, num caso como esse em que a sociedade se organiza com 95% de capital do governo e 5% de capital privado, a participação do capital privado é meramente formal, é apenas satisfação a determinadas organizações e sem dúvida não estão representando o pensamento das forças capitalistas nacionais.

O Sr. Lobo Carneiro - Estas duas empresas - Volta Redonda e Vale do Rio Doce - de fato são órgãos do Governo, ficam ao arbitrio exclusivo do Chefe da Nação. S. Ex.^a nomeia todos os seus presidentes; e os acionistas particulares nem comparecem à assembleia. São apenas parasitas das companhias.

O SR. ORLANDO DANTAS - Examinarei depois, este aspecto.

Possuímos também a Fábrica Nacional de Motores, para a qual os propagandistas do projeto governamental não voltaram as suas vistas por que? Acaso não é ela também uma sociedade de economia mista? Por que não se propagam as suas atitudes, os seus méritos? Porque naturalmente não correspondeu a expectativa. O mesmo não aconteceu com a Siderúrgica de Volta Redonda e, recentemente em decorrência da vida internacional com a Vale do Rio Doce.

O Sr. Lobo Carneiro - V. Ex.^a pode citar Companhia Nacional de Alcalis.

já verificamos que a sociedade de economia mista não tem fiscalização porque os Conselhos Fiscais das sociedades anônimas no Brasil jamais fiscalizaram coisa alguma, sabemos como funcionam os Conselhos Fiscais nas sociedades genuinamente privadas com bancos e indústrias. Os maiores acionistas nomeiam, indicam 3 ou 4 membros para o Conselho Fiscal, que apenas assinam os atos e recebem a importância que a lei lhes atribui, uma insignificância de quinhentos, ou mil cruzeiros por ano.

E assim que funcionam. Nenhuma empresa é fiscalizada, no caso das sociedades de economia privada.

Nas sociedades mistas, temos o exemplo do Banco do Brasil. Quem o fiscaliza? Os Conselhos Fiscais? Sabemos que o Conselho Fiscal não fiscaliza coisa alguma. Dir-se-á: o Governo. Mas o Governo é o próprio dirigente; é ele que nomeia, que faz as alterações, que manda as papeladas para a direção do Banco, para emprestar à fulano, e sicrano, e beltrano. Como pode fiscalizar a seus próprios atos? Seria, então função do Congresso, do povo? Mas como pode o povo fiscalizar, sem ser através de seus órgãos eletivos, como o Poder Legislativo? E nós vemos aqui, a todo instante, a demonstração inofensível, dura, irretorquível, de que a

proporções acima do comum em todo o Universo - levamos a duas atitudes: ou fazemos reformas de profundidade, capazes de restabelecer o equilíbrio, proporcionando a essa massa humana condições de trabalho e de prosperidade, ou continuará o mesmo estado de crises no Brasil. É que, não havendo condições de prosperidade para toda gente, essa massa aflui para os empregos públicos para todas as atividades, e o Estado fica neste dilema: ou coloca esses indivíduos ou os deixa desocupados, ficando o Estado passível de ser perturbado na sua economia, na sua vida social, na sua vida política, por um volume impressionante de indivíduos que necessitam de trabalho.

Ai, temos de admitir que a burocracia não é tão fácil de ser combatida. Trata-se em consequência, da nossa estrutura econômica, que se acha caduca, velha pois, já nasceu velha no Brasil. No mundo inteiro também se apresenta com este mesmo aspecto.

Com isto Sr. Presidente, creio que os três argumentos oferecidos a esta Casa - de que a sociedade de economia mista se recomenda pelas suas virtudes, pela sua organização, pelas condições excepcionais em favorecer a economia do país, analisados imparcialmente como estou fazendo, sem nenhuma paixão, apenas colocando-as num ângulo dos acontecimentos, demonstra que, no problema do petróleo, não podemos adotar uma solução que, se tem um lado positivo, também tem muitos lados negativos.

O Sr. Augusto Meira - Estou de acordo com V. Ex.^a em boa parte de sua erudita argumentação mas é preciso antes de tudo que a Constituição brasileira seja respeitada.

O SR. ORLANDO DANTAS - Ouvi V. Ex.^a ontem e aludi no meu discurso à sua afirmação.

O Sr. Augusto Meira - Estou feliz em encontrar em V. Ex.^a apoio de grande significação.

O SR. ORLANDO DANTAS - Muito obrigado a V. Ex.^a...

Mas Sr. Presidente, outra argumentação que os defensores da economia mista apresentam - e eu me ia esquecendo - é a de que no Brasil as sociedades estatais não funcionam; são sempre deficitárias como as estradas de ferro. Também procurei trazer elementos em contrário a essa alegação. Penso que os Senhores deputados que se dedicam aos problemas econômicos acompanham esses trabalhos vindo de São Paulo, com o título "Foro Econômico". Então "O Jornal" órgão insuspeito - pois pertence ao Senhor Chateaubriand, um dos poucos homens no Brasil que tem coragem de defender a entrega do nosso patrimônio ao capital estrangeiro, porque legítimo representantes desses interesses - onde podemos portanto buscar elemento comprobatórios daquilo que ele gostaria muito de afirmar, diz num dos seus artigos:

Não tem, cabimento a afirmação de que as nossas ferrovias são deficitárias. Em dias do mês passado, numa caravana de Deputados, a convite do Conselho Nacional de Petróleo, fui a Cubatão observar as obras do governo relativas à instalação da refinaria e o término da construção do oleoduto.

Antes de chegar às instalações, o Sr. Renato Feio nos convidou a ouvir ligeira palestra sobre o que era Estrada Santos-Jundiá. S. Ex.^a, fez a seguinte demonstração: "A Estrada Santos-Jundiá, no tempo dos ingleses, possuía onze mil e poucos funcionários; sua renda vinha caindo; no último ano de administração dos ingleses, o seu lucro correspondia a 10 milhões de cruzeiros. Pois bem o Governo encampou a estrada; tomamos conta dela em situação difícil. O primeiro ano da nossa administração foi deficitária; o segundo começou a assegurar lucros. Reduzimos de onze mil e tantos para nove mil e poucos os funcionários, tendo, todavia, criado serviços auxiliares da estrada, como transporte rodoviário recebendo no cais e nos armazéns e entregando também nos mesmos. Três anos depois a empresa auferia lucros no volume de 120 milhões de cruzeiros".

Impressionante! Os ingleses jamais conseguiam tarefa dessa natureza.

Ora, Sr. Presidente é a demonstração evidente de que o Estado, quando tem um bom administrador, é bem dirigida, quando os administradores são escolhidos para o cargo, jamais poderá fracassar - e o Estado não está em condições de fracassar - apresenta-se, porém sempre à Central do Brasil como paradigma e má administração estatal.

Ora, Sr. Presidente, o fenômeno é outro. A Central do Brasil não pode ser acusada de deficitária, tour court como se costuma fazer. Causas para que a empresa seja deficitária existem, mas não é a administração que responde por elas. Trata-se de organização que faz o transporte suburbano e nós sabemos que, em nenhuma parte do mundo, são promissores os lucros decorrentes de serviço dessa espécie. Nele há sempre déficits, tanto assim que as empresas que exploram luz e força, também exploram o transporte urbano e suburbano, como compensação pelo que perdem naquele investimento.

A Central do Brasil é apontada como deficitária, mas, a seu respeito, há outro aspecto a considerar: ela transporta matérias primas, como o manganês, a grandes distâncias e a fretes muito baixos. Enriquece, assim, indiretamente, a economia do país, sofrendo a sua economia as consequências dessas políticas. Depois, procura-se dizer que a Central do Brasil está nessa situação, porque o Estado é incapaz de dirigir. As outras estradas de ferro do Brasil também se fazem acusações superficiais, geralmente partidas de pessoas pouco entendidas no problema.

Sabemos perfeitamente que estradas mal aparelhadas jamais poderão ter possibilidade de êxito. Não só estradas, como qualquer tipo de empresa, seja pública ou privada. Poderia citar, por exemplo, a economia açucareira. Como é possível uma indústria de cana cujo rendimento digamos, é de 90 quilos por tonelada, concorrer com outra que tenha o rendimento de 120 quilos por toneladas?

Então, é incapacidade da economia privada de se dirigir, porque possui indústria precária, enquanto existe indústria realmente próspera? Absolutamente. São contingências. Muitas vezes as condições financeiras não permitem que se renove, tanto o parque industrial, como o parque ferroviário.

Nós é que temos a obrigação de nos determos nesse aspecto e não trazer ao debate acusações dessa natureza, para demonstrar a falência do Estado. No dia em que o Estado faltar na defesa dos interesses públicos, então não se justificará a sua existência.

Ora, Sr. Presidente, além desses fatos, a sociedade de economia mista auferiu do Estado, nesta organização híbrida, privilégios excepcionais: não paga impostos e assegura ao pequeno capital privado juros, para que ele seja atraído.

Creio, Sr. Presidente, que nunca uma sociedade possuiu tantos defeitos quantos possui a sociedade de economia mista, pela impossibilidade material e moral de proporcionar à população as vantagens que a sociedade estatal pode dar.

É o que proponho realizar.

Demonstrei, no meu modo de pensar, com esses dados, que a sociedade de economia mista não representa o ideal, uma vez que possui os defeitos inerentes aos desta hibrididade. Quanto à economia do petróleo, todos os técnicos do mundo asseguram que o petróleo é, por essência, monopolista e, como atividade monopolista, jamais poderá ser explorado pela economia privada. Trata-se de exploração que diz bem de perto com os interesses nacionais.

No momento atual, verificamos que o mundo se equilibra entre dois pólos: de um lado - o capitalismo norte-americano e, do outro - o comunismo russo.

Pergunto - Nesta contingência poderá a sociedade de economia mista realizar tarefa de tal responsabilidade, entregue aos interesses privados, a uma sociedade sem fiscalização do povo? Só o Estado tem força material, tem força moral para, numa contingência como esta em que vivemos, impor à Nação e a todo o seu povo os recursos necessários e a solução viável para a exploração do petróleo, combustível essencial à vida econômica, política e social do povo brasileiro.

A matéria, Sr. Presidente, é, realmente, muito extensa e requer tempo imenso para o debate. Inscrevi-me ontem e tinha 50 minutos hoje. Creio que ainda me restam 10 minutos.

O SR. PRESIDENTE - O tempo de V. Ex.^a termina hoje, V. Ex.^a falou 10 minutos na sessão passada e tem todo o expediente desta sessão.

O SR. ORLANDO DANTAS - Senhor Presidente, encerrando minhas considerações, sem, todavia, ter terminado a exposição quanto as vantagens da exploração estatal, desejo continuar meu discurso quando da discussão deste projeto, quando concluirei as considerações já iniciadas, e que a escassez de tempo não me permitiu acabar. (Muito bem; muito bem. Palmas).

(Discurso pronunciado em 18-6-52)

ORLANDO E O SAL

O SR. ORLANDO DANTAS (Não foi visto pelo orador) Sr. Presidente e Srs. Deputados, indo ao meu Estado, nesta pequeno período de férias parlamentares, tive oportunidade de constatar ali situação singular no que se refere à economia.

Trata-se do caso do sal.

Possuindo Sergipe mais de 300 pequenos salineiros, com a produção de trinta milhões de litros de sal, está sofrendo, todavia, nesse setor, considerável, restrições. Com efeito, o preço pago ao produtor, na base de cinco cruzeiros, constitui verdadeiro desfalque, enorme prejuízo para a sua economia. Ora, o Instituto do Sal é organização destinada a defesa desse setor de atividade e não podemos compreender como consente na continuação de semelhante regime, em que o produto é entregue por um preço que não corresponde ao oficial - de sete cruzeiros.

Sr. Presidente, na minha terra, o Instituto do Sal é conhecido apenas pela existência do fiscal, pois nenhum favor concede aos salineiros.

O comércio do sal, se faz, em Sergipe, por intermédio de três ricas companhias, que dispõem de transporte, de navios a vela e a vapor, compram o produto durante o ano a preços abaixo do oficial, distribuindo, através de sua rede de agências, realmente, vultuosas somas de dinheiro.

Em consequência desse estado de coisas, a economia salineira sergipana diminui e se arruina. Noventa por cento dessa atividade é exercida por pequenos salineiros, que vivem angustiados, mormente nesta época, em que o custo das utilidades sobe exageradamente. Em aflição vive essa classe, apelando para o Poder Central, para o Sr. Presidente da República, para o Sr. Presidente do Instituto do Sal, com o objetivo de, mediante auxílio, impedir que a sua atividade seja solapada pela incapacidade de se manter. Não é possível que o Instituto do Sal fique indiferente aos apelos que, por meu intermédio, fazem os salineiros de Sergipe.

A única providência que o Instituto do Sal deverá tomar para resguardar a economia salineira sergipana seria organizar os pequenos produtores em cooperativas, e estas, como recursos financeiros e transportes, iriam até as salinas de Sergipe, não obrigando os salineiros a entregarem seus produtos aos intermediários pelos preços mais vis.

É preciso que se compreenda que somente com a organização do Instituto não está resolvido o problema econômico. Tem sido grande erro a preocupação de apenas se legislar, de só se dirigir economia, deixando os produtores sem financiamento, incapazes de se defenderem e continuando a sofrer as consequências da orientação econômica que o governo insiste em seguir, sem que até hoje haja obtido qualquer resultado prático.

Os pequenos salineiros de Sergipe vivem explorados, todos os dias do ano, por organizações comerciais ricas, poderosas, ante a indiferença do Poder Público, a esse estado de coisas.

Encerrando minhas considerações, lanço desta Casa um apelo ao Presidente da República e ao Presidente do Instituto do Sal, para que voltem as vistas para o Estado de Sergipe, e compreendam a necessidade de levarem recursos para que os pequenos salineiros possam sair da situação angustiada em que vivem. (Muito bem; muito bem. Palmas). (Discurso proferido em 1953).

ORLANDO E O NORDESTE

Na sessão de 29 de março de 1951, o deputado federal Orlando Dantas dava entrada na Câmara dos Deputados, no requerimento nº 18, solicitando ao Poder Executivo informações sobre as providências tomadas para socorrer as populações flageladas pela seca do Nordeste.

O Requerimento

Sr. Presidente:

Nos termos do Regimento desta Casa, requiro a V. Excia, solicitar ao Ministério competente as seguintes informações:

a) em quanto monta atualmente, o encaixe previsto no artigo 198 § 1º das Disposições Gerais da Constituição.

b) Quais as providências tomadas pelo Governo para socorrer as populações flageladas pela seca nos Estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.



Orlando Dantas na tribuna da Câmara dos Deputados

O SR. ORLANDO DANTAS - Exato V. Ex.^a ilustra muito bem o meu discurso eu vem provar que a tese defendida por alguns deputados não corresponde à realidade. Um argumento que se apresenta como favorável ao êxito da sociedade de economia mista é a flexibilidade de ação como as empresas privadas. Creio que essa proclamada flexibilidade tanto pode existir na sociedade de economia mista como na sociedade estatal. É apenas questão de formulação. Desde que uma lei assim determine, poderemos ter tanto sociedade estatal, como de economia mista nos moldes de uma grande empresa privada. Não procede, portanto, a argumentação de que só a sociedade de economia mista tem esse privilégio de imitar as empresas privadas. Considero a argumentação como encobrindo a realidade brasileira. Podem existir sociedades de economia mista bem dirigidas, e as temos, como sociedades de economia mista pessimamente orientadas também encontradas em nosso país, e os exemplos de umas e outras já foram citadas.

Alega-se que as sociedades estatais estão presas ao Código de Contabilidade, ao Estatuto dos Funcionários Públicos, às tabelas e regulamentos do D.A.S.P.

Ora, a alegação também não pode proceder, de vez que a lei determinante da constituição das sociedades estatais pode declarar que a organização ficará fora da ação dessas leis, que realmente, dificultam seu desenvolvimento em benefício da economia nacional.

O Sr. Lobo Carneiro - Não é a presença de 2, 3 ou 4% de acionistas particulares em Volta Redonda, por exemplo, que dá flexibilidade à empresa. Esses acionistas não elegem diretores, não participam do Conselho Fiscal de coisa nenhuma, nem conhecem da vida da empresa. Assim é perfeitamente possível, como Nossa Excelência muito bem diz, eliminar das autarquias federais esses inconvenientes. O próprio Conselho Nacional do Petróleo, livre desses embaraços, estará tão flexível como Volta Redonda. Não são preciosos 3 ou 4% de acionistas particulares para atingir esse fim.

O SR. ORLANDO DANTAS - Ora, Sr. Presidente,

sociedade de economia mista não merece a confiança do povo, não tem fiscalização nem por parte do Poder Executivo, nem por parte do Poder Legislativo. E o povo não pode participar de sua fiscalização porque ignora sua atividade a não ser quando o fracasso é total e chega então ao conhecimento do povo, como no caso da Fábrica de Motores, e outros.

O terceiro argumento a favor das sociedades de economia mista é de que elas são imunes à burocratização. O problema da burocratização, Sr. Presidente, não é nacional - é universal. Agora mesmo, se pode verificar isto. Tenho em mãos recorte de "O Globo" da semana passada, no qual o Senhor Eisenhower, um dos candidatos à Presidência da República dos Estados Unidos, numa das suas primeiras falas ao povo americano dizia:

"Esses males são: a desunião - referia-se ao seu país - a inflação, os impostos e a burocracia".

Também a grande nação americana, padrão de país mais supercivilizado e mais enriquecido, sofre dos males da inflação, da desunião, dos excessos de impostos e da burocracia. Logo, o problema da burocracia é muito mais profundo. No Brasil, ela se reflete em aspecto tão pronunciado que todos procuramos dar-lhe realmente solução. Mas, se nos detivermos atentamente na análise do problema, que verificamos? Observamos que o que ocasiona a burocracia no mundo é a crise de estrutura, porque não está funcionando mais o sistema econômico vigente. Ele vive no balão do oxigênio, vive das constantes intervenções do Estado.

Ante sua repercussão na economia brasileira compreendemos a declaração, ano passado no Senado da República, do Sr. Alberto Pasqualine, demonstrando que o volume populacional que necessitava de empregos - pertencente sobretudo à classe média - era de cerca de 300 mil pessoas por ano. Então percebemos a grande dificuldade. Essa situação de cerca de 300 mil pessoas por ano, num crescimento vegetativo bem pronunciado - pois a população do Brasil realmente, aumenta em

A inquietação e perseverança do jornalista Orlando Dantas, (traços marcantes de sua personalidade, sempre preocupado com as questões sociais e com a defesa de seu estado), são responsáveis pelo perfil da Gazeta de Sergipe, Jornal comprometido com o desenvolvimento de Sergipe. Mestre de um escola de grandes jornalistas, Orlando Dantas é motivo de orgulho da imprensa sergipana.



Uma homenagem dos que fazem a Gazeta de Sergipe, no centenário de nascimento do seu fundador.

28 de setembro de 2000.

GAZETA DE SERGIPE

Subjetividade e imaginário na "A VIDA PATRIARCAL DE SERGIPE" de "ORLANDO DANTAS"

Amy Adelina Coutinho de Faria Alves

O projeto sociológico de Orlando Dantas* (1980) de estudar a vida em dois engenhos de açúcar trazendo à tona aspectos peculiares da vida em família uma aristocrata e outra de classe média - constitui como bem o assinala o autor, uma base, um alicerce para uma visão histórica da sociedade sergipana. Tomando uma amostra deste vasto universo histórico-cultural, o autor, utilizando documentos dos engenhos de açúcar do século XIX em Sergipe, bem como sua arguta perspicácia de jornalista e político, aliada à memória dos tempos idos na cidade de Capela, das férias na Usina Vassouras, do cotidiano das famílias nas esferas doméstica e pública, constrói uma trilha rica em detalhes, plena de inspiração para os pesquisadores que desejarem reconstituir o cotidiano da vida sergipana.

Tomar como objeto de estudo a cotidianidade, fazer fluir o universal e o particular, e perceber o jogo intrincado das relações sociais que se transformam dia-a-dia, pressupõe a análise do vivido, dos modos de sobrevivência material, das emoções, dos hábitos, da subjetividade tão presente nas propostas teóricas de Leffevre (1981), Heller (1985) e Netto (1987) para compor um exemplo.

A investigação empreendida por Orlando Dantas é complexa e multifacetada, e uma análise merecidamente mais profunda demandaria mais tempo e estudo.

Neste pequeno excerto porém, objetivamos tão somente destacar e tentar compreender alguns dados que indicam o lugar das mulheres no cotidiano da "Vida Patriarcal de Sergipe". Em outras palavras, descrever fragmentos do imaginário masculino presente na citada obra de Orlando Dantas. Não resta dúvida que, na esteira das motivações individuais está o homem situado, condicionado culturalmente pelo seu grupo, a partir da dialética das identificações parentais, do campo das esperanças, das contradições vivenciadas, da subjetividade dos tempos da memória.

Partindo do título da citada obra, a bem colocada expressão "vida patriarcal" inaugura e sugere a força do poder - masculino sobretudo - na formação do processo civilizatório sergipano.

Como nos indica o autor: "Embora dos encontros amorosos nos canaviais, nas cozinhas, surgissem as mulatas dengosas e feiticeiras", "os casamentos entre os da raça branca, da mesma classe social preservaram a existência do senhor bem posto no seu vestuário, no seu poder econômico e político, dos filhos legítimos, com educação e cultura dos meios civilizados" (Dantas, 1980:15, 25) Predominavam a "rigidez da disciplina e da autoridade."

A teoria de patriarcado, veiculada mais intensamente a partir da sociologia clássica de Weber e Marx, procura buscar as causas da dominação em geral Weber (1964) assinalava que o patriarcalismo constituía uma situação, na maioria das vezes econômica e familiar onde a dominação era exercida normalmente por uma só pessoa, baseando-

se nas tradições hereditárias. Também Marx relacionava a escravidão doméstica da mulher ao momento por que passava o capitalismo. Ela seria "libertada" a partir da transformação da sociedade. Entretanto essas abordagens do problema do patriarcado foram alvo de críticas de historiadores e feministas, a exemplo de Cruz (1999), na medida em que seria necessário não se limitar a uma indagação genérica sobre as causas da opressão, mas descer, resgatar as especificidades históricas dessa opressão.

Neste sentido, a idéia de gênero, categoria analítico - conceitual introduzida via academia para sinalizar a visualização das diferenças na construção social do masculino e do feminino, surge se insinuando, de mansinho, nas descrições do autor sobre os modos de vida dos engenhos sergipanos.

A vasta literatura sobre o tema em nossos dias permite destacar certos elementos para análise, tais como a divisão sexual do trabalho, as questões pertinentes às práticas cotidianas de poder na família e fora dela (no trabalho, por exemplo), as diferenciadas articulações entre o mundo da casa, o espaço doméstico e a esfera pública, e as questões da cultura e das identidades femininas.

Constitui hipótese alvissareira a idéia de que as construções imaginárias e suas correspondentes formas de subjetivação, encontradas na referida obra, revelam o pensamento fértil do autor e insinuam muitas questões de gênero. O imaginário - esse conjunto de crenças, representações sociais, sentimentos, afeições - permeiam toda sua memória dos cotidianos familiares. Esse imaginário ronda a cozinha, vai à missa, constrói idealizações as mais diversas.

A cozinha dos engenhos, cenário cotidiano, compõe cantos e recantos. "Espaço amplo e ventilado, o fogão de tijolos no centro, porões de barro enfileirados, pilões de madeira, grandes frigideiras, caldeirões imensos". Espaço geográfico real e imaginário, vive preparado para receber seus principais ocupantes. São mucamas, "grandes cozinheiras" preparando pratos mais diversos, mas o preparo da feijoada exigia o comando da senhora" (Op. Cit. P. 49). No trato da casa as escravas copeiras e arrumadeiras são "doces, simpáticas e habilidosas".

São "sinhazinhas redondas e cheias de simpatia, longelineas, elegantes, finas e ternas. São "mestiças cor de jambo, de perturbadora vitalidade, fonte de sonhos e sementeiras de paixões".

O autor se esmera na composição do cenário - um resgate importante na sociologia contemporânea - e se excede na idealização feminina.

A mulher é fonte de beleza, harmonia e prazer. A celebração romântica das virtudes femininas desconhece os conflitos, as mazelas cotidianas dos engenhos. Contudo, essa celebração eleva as identidades - mucama, senhora, sinhazinha a um nível propriamente humano. Nestes momentos, as idealizações positivas conferem eficiência aos desejos. O imaginário ilusório e histórico corresponde e responde aos mais íntimos anseios. Reside aí sua grande força subjetiva pois encaminha o sujeito à esperança indispensável a mundos melhores.

Entretanto, objetivamente, as mulheres, ele as devolve ao seu devido lugar histórico naturalizado pela cultura: na cozinha, "senhoras com sensibilidade apurada elevando o valor da cozinha afro-brasileira", na igreja de longas horas nas rezas, nas missas, na costura e por vezes ao piano, cuidando dos vasos e flores no jardim.

Mas se o discurso feminino é escasso e silencioso nesses escritos, as resistências são poderosas. As fronteiras entre o público e o privado variam enormemente com o tempo. Constituindo principais temas da reflexão contemporânea, as "saídas das mulheres do espaço doméstico para o público apresentam vertentes e nuanças. Incorporar comportamentos respeitados como masculinos" constitui historicamente - de artistas a escritoras - uma estratégia ardilosa. Ao relatar as tardes no engenho Porto dos Barcos, o autor conta em determinado momento, o episódio da ausência da prima Faustinha. "D. Emília perguntou minha mãe, cadê Faustinha?" Resposta pronta: "Está brincando com os meninos machos". Embora a presença dessas mulheres no espaço público se resumisse quase que somente às atividades da Igreja, e outros pequenos afazeres, a "ousadia" feminina, como era conhecida naquela época desvendava o que viria historicamente a se tornar, independência para alguns e despudor para outros. Assim, "no seu doce murmúrio" sempre repetido para o autor, no "vou casar com você", a prima Faustinha exerce sua liberdade de escolha, uma necessidade de opção própria.

A procura do amor verdadeiro, dos sinais de carinho, gestos, olhares, silêncios que fizeram a "paixão terna" do século XIX, estão presentes nos relacionamentos cotidianos, nas relações familiares de primos e primas. Há muito mais para pesquisar dessa temática na obra do autor. Mas nessas pequenas considerações iniciais, teríamos dois objetivos principais. O primeiro, o próprio autor o sugere. Trata-se de tentar resgatar a história da sociedade e dos municípios sergipanos na sua cotidianidade,



Orlando Vieira Dantas



Paz e Terra

na sua contextualização econômica, política e cultural. O conhecimento da realidade social passa pela crítica do imaginário, pela decomposição do imaginário nos seus elementos. O autor nos brinda com essa possibilidade.

Lembrando Castoriadis (1982), os homens só conseguem enfrentar seus problemas reais "porque são capazes do imaginário".

Essas notas foram escritas em homenagem aos cem anos de nascimento do amigo ORLANDO DANTAS, com quem, junto a D. Dulce, tive a honra prazerosa de, nas noites quentes do verão aracajuano, dialogar sobre a vida e o mundo, sobre nossas paixões no âmbito da literatura francesa, e por fim como andavam os editoriais da Gazeta de Sergipe, na medida que as discussões sobre a nascente Universidade Federal de Sergipe faziam parte das nossas preocupações e de muitos outros expressas pela autora em editoriais desse jornal.

Amy Adelina C. de Faria Alves é professora mestre da UFS, vice Coordenadora da REDOR (Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO).

Orlando, o jornalista

Muito justas, muito oportunas as homenagens nos cem anos do nascimento de um dos maiores jornalistas de Sergipe: Orlando Dantas. Nasceu. Não morreu. Não pode morrer um homem que fez imprensa livre, crítica, superior. Hoje ainda tenho na memória as nossas conversas, discussões, reflexões acerca de jornalismo. * O jornal?, costumava interrogar, encarando-me. E me dizia que lhe cabe uma alta, nobre missão, mesmo quando ódios pessoais, paixões políticas lhe espirram pingos de lama nas laudas. Transmite os avanços das ciências, das artes em sua marcha evolutiva. Levanta-se para defender direitos comuns postergados, violentados. É tribunal onde há justiça que pune desvios da inteligência, da vontade, da sensibilidade. Mas, justiça que castiga, e não misericórdia que perdoa. Não foi o que fez Orlando, na GS, nos casos de corrupção no país, no estado? E, sem o seu fundador, continua uma voz indefessa que não cessa de gritar "cuidado!", às autoridades incumbidas da guarda e proteção da sociedade. Pareço ainda escutá-lo, dizendo-me que jornal é alavanca, é mestre, é juiz, é lição, é luz, é castigo. É um poder, o 4º poder, como disse, da

imprensa, Alfred Sauvy. * Quem lhe pode dispensar o concurso?, interrogava Orlando, encarando-me, grave. Torna-se o jornal necessário como representante da consciência humana, como emissário da justiça. Não havia nenhum exagero em dizer que era a alma do mundo, o foco de todas as idéias. E, empunhando a GS, lamentava que ainda houvesse no país milhares, milhões de analfabetos. * Não lêem jornais!, lastimava. Tinha razão. Há no país ainda milhões que não lêem esse livro diário que é o jornal. Mas, os que hoje fazem a GS conti-nuam a lembrar, a seguir as lições, os rumos jornalísticos de Orlando. Toda a sua vida fez imprensa livre, para que pudesse ser um instrumento crítico da vida social, política, cultural. No que redigia, nos seus notáveis editoriais, manifestava o sentimento de Siéyes, "Tirem-me todas as liberdades, mas deixem-me a liberdade de imprensa". Nenhum sentimento se identificava tanto com Orlando, para quem, lembrando Siéyes, "com a liberdade de imprensa é possível conquistarem-se todas as outras liberdades". Muitas vezes me pareceu um Ingenieros, tal a sua revolta contra o número crescente de mediocres na vida

cultural. Muitas vezes me pareceu um Mantegazza, na sua revolta contra os impostores da vida política e, sobretudo, na sua indignação interior (muitas vezes me manifestou esse sentimento!) contra os tartufos da fé. Foi ele, até os 82 anos de idade (e assim continua, morto!), um sério, edificante exemplo de que a atividade da imprensa não deve nunca enfra-quecer, sua consciência não se dobrar nunca, sua vigilância nunca adormecer. Num dos nossos encontros diários, em 1974, lembrando-me Rilke, recomendou-me (eu estava começando a escrever na GS), "Diga tudo com sinceridade, calma e humildade". Não foi só um grande jornalista, um "servo" da imprensa, no sentido mais livre, grandioso, dignificante, como diz Gaillard. Também um revolucionário da cultura. Prova-o a revista "Mo-mento", que fundou, malgrado de vida breve. Em suma, Orlando Dantas um raro exemplo de ação jornalística séria, honesta, digna, que permanece, permanecerá através dos tempos, como seguro norte para os que continuam, continuarão a fazer a Gazeta de Sergipe.

(Da UnB. Da ASL. Do IHGS.)

Acrísio Torres



O Centenário de Orlando Dantas

Bemvindo Salles de Campos Neto

Sergipe comemora, com justa razão, o centenário de nascimento do saudoso jornalista, político, empresário e sobretudo sergipano de boa cepa - Orlando Dantas.

Filho do usineiro Manoel Dantas, que governou Sergipe até 1930, Orlando Dantas destacou-se, tanto na vida provincial como nos grandes debates de da vida nacional, como um patriota respeitável, como homem de coragem na defesa dos postulados democráticos e com mais vigor no combate ao entreguismo de nossas riquezas ao controle do capitalismo estrangeiro, principalmente a sua luta em favor do monopólio estatal do nosso petróleo e de outros recursos minerais, como exemplo as areias monazíticas que os norte-americanos levavam do Brasil em lastro nos seus navios.

Também usineiro, herdando a experiência e as iniciativas do pai, levou a cabo uma política de proteção aos empresários da indústria açucareira nordestina, defendendo, ainda, quando deputado federal, a indústria extrativa do sal sergipano.

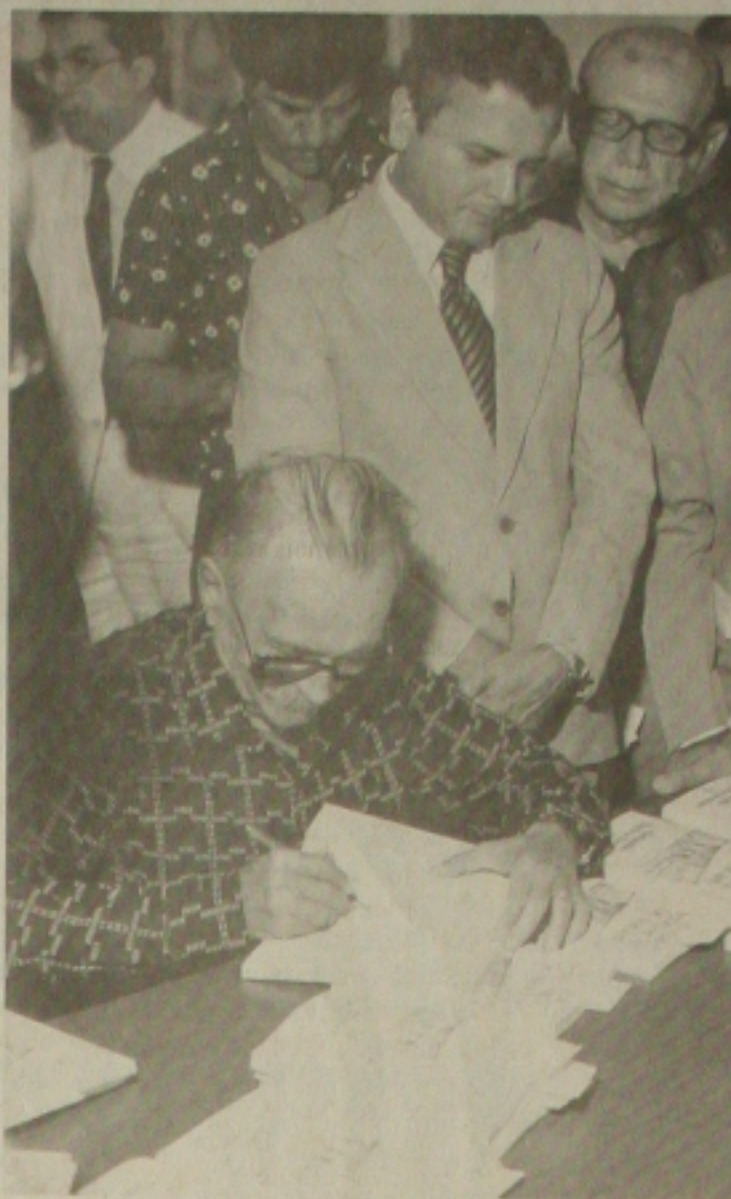
Deputado estadual pelo Partido Socialista Brasileiro, somou-se, na Assembléia Legislativa Sergipana, ao lado da oposição, então liderada pelo ex-governador Seixas Dória, da UDN e com os deputados Armando Domingues, do Partido Comunista e Francisco de Araújo Macedo, do Partido Trabalhista, contra o governo de Eurico Gaspar Dutra, e em Sergipe, do chefe do executivo, José Rollemberg Leite, então considerados pelos que combateram o Estado Novo de Getúlio Vargas, defendendo a

redemocratização do país, de conservadores, oligarcas, fascistas e retrógrados.

Deputado federal, Orlando Dantas foi um dos oradores brilhantes e vigorosos na Câmara dos Deputados, sempre se comportando com dignidade, sem deixar-se corromper, altivo quando o interesse do Brasil pairava acima das paixões e dos interesses imediatos.

Na província, a sua atuação foi, do mesmo modo, brilhante: jornalista destemido, manteve a duras penas a Gazeta Socialista e depois a Gazeta de Sergipe, este diário da imprensa que continua impávido na permanente tarefa de estar em todos os momentos na vanguarda da batalha em favor da sociedade sergipana, tendo arriscado a sua própria vida para a manutenção dos seus ideais, princípios e conceitos.

Os problemas sergipanos debatidos tanto na Sudene, como no Condese - Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sergipe, que teve a sua fase áurea no governo Luiz Garcia, tiveram a preciosa participação de Orlando, cuja inteligência, a serviço do desenvolvimento do comércio e das classes produtoras, promoveu grande aporte às soluções adotadas. Sem Orlando, o Condese não teria a importância que teve no debate e na planificação dos projetos e decisões governamentais. Orlando Dantas também era profundo conhecedor da agricultura sergipana, tendo contribuído, com a sua palavra, com as suas propostas, para melhorar,



sensivelmente, a política que o governo adota para os setores da pecuária e da agricultura, e apesar de apresentar-se, na maioria das vezes, como homem público de oposição, o seu alerta era sempre ouvido, pela sabedoria e seriedade como aconselhava aos que estavam no poder.

Primeiro presidente do Banco do Estado, o atual Banese, foi o seu organizador, saindo-se muito bem, cotado para secretário da Fazenda no governo Seixas Dória, sem ambições de caráter pessoal, foi dirigir o então Departamento e Saneamento, recém-criado da estrutura do antigo Serviço de Águas e Esgotos, a atual

Companhia de Saneamento de Sergipe. Embora não fosse um expert em saneamento básico, Orlando Dantas organizou o Departamento com muita competência e honestidade.

Os jornalistas sergipanos devem-lhe um grande tributo: foi Orlando Dantas, quem, pela primeira vez, organizou em nosso Estado a chamada imprensa profissional; antes, o jornalista não tinha nenhum vínculo com a empresa, era um empregado autônomo, sem qualquer tipo de ligação com o trabalho, apenas um escrevinhador, nada mais. Orlando Dantas deu dignidade à classe e por isto mesmo merece ser o patrono dos jornalistas sergipanos.

Pessoa humana de coração grandioso, não sabia odiar, esquecia os invejosos, perdoava aos burros. E sabia assumir as responsabilidades de suas atitudes, jamais jogando a culpa dos artigos publicados no seu jornal às costas dos seus "focas" e subordinados. No seu vozeirão, sabia ser educado e respeitar o direito alheio era uma de suas qualidades, o seu esteio moral.

Sergipe muito lhe deve. Dos livros que escreveu, "O problema Açucareiro de Sergipe, 1941" e "Política de Desenvolvimento Econômico de Sergipe, 1974", além do fabuloso "A Vida Patriarcal de Sergipe, 1980", estão o seu pensamento e a sua história. Rica em exemplos de muita dignidade. É preciso, agora, que as nossas autoridades lhe prestem as honras que a sua memória exige para exemplo das novas gerações.

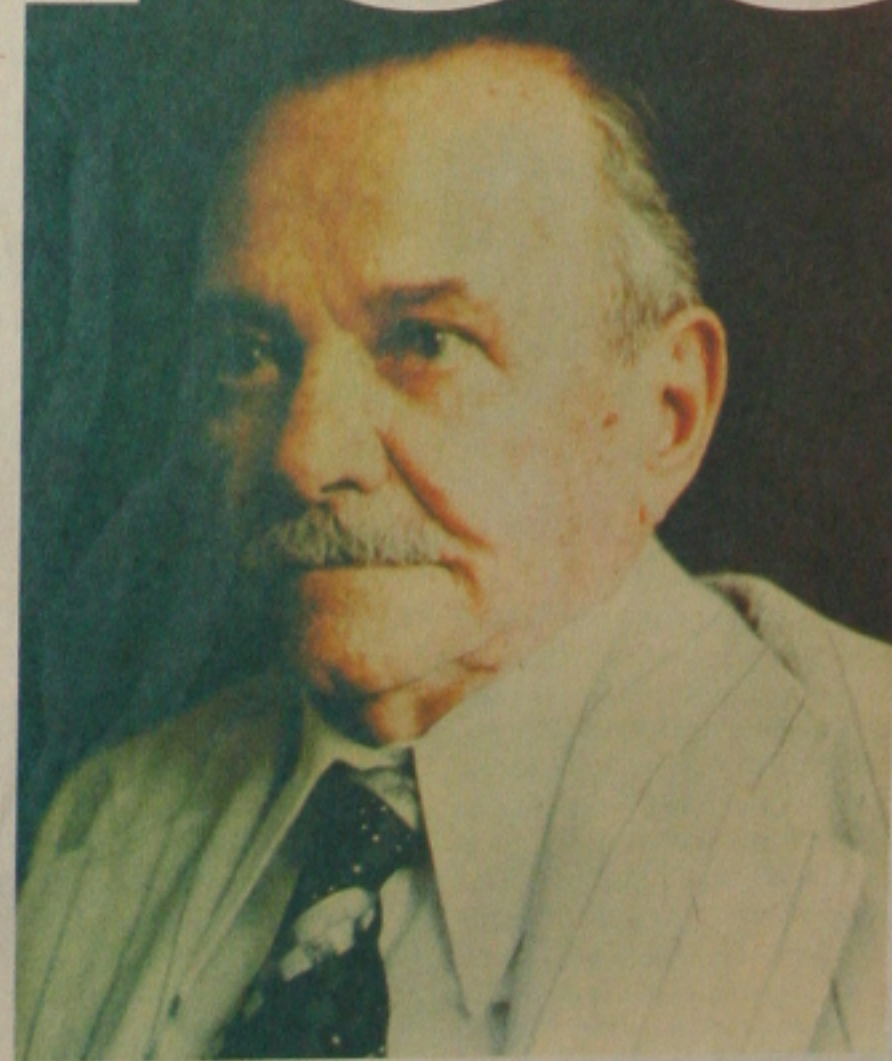


ORLANDO DANTAS 100 ANOS

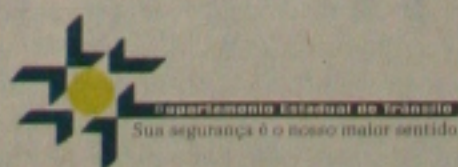
A Setranspe - Sindicato das Empresas de Passageiros do Município de Aracaju, se associa às justas homenagens que são tributadas neste dia ao saudoso jornalista Orlando Dantas, fundador da Gazeta de Sergipe, pela passagem do seu Centenário de nascimento.

SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTE DE PASSAGEIROS DO MUNICÍPIO DE ARACAJU
SETRANSP
TRABALHO INTEGRADO VALE CREDIBILIDADE.
Av. Augusto Maynard, 574 - São José - Aracaju/SE - Fone: (0xx79) 224-4535

100 Anos



Nossa homenagem pelo centenário de nascimento de Orlando Dantas, jornalista e fundador da Gazeta de Sergipe.



"Seu Orlando", o avô

Paulo Roberto Dantas Brandão*

Quando o primeiro-ministro de Israel, Itzack Rabin foi assassinado por um radical, lembro-me de sua neta, uma bela jovem, falando em seu enterro. Dizia ela que todos estavam falando que Israel e o mundo perderam um grande homem, um líder, mas ela havia perdido muito mais, ela havia perdido o avô. O avô querido. Este fato remeteu-me a 1982, quando Orlando Dantas morreu. No cemitério, por exemplo, o Prof. Cabral Machado, em uma emocionada oração fúnebre, comparou Orlando em Sergipe ao Conde de Warwick, que não foi rei, mas foi cognominado "O Fazedor de Reis". Warwick, cujo nome era Richard Neville, foi um poderoso nobre e estadista inglês que viveu no século XV, e que por sua força e poder, colocou e tirou diversos reis do trono inglês. Tal qual Warwick Orlando, em Sergipe teria feito dirigentes, e governadores, sem nunca ter chegado ao posto máximo. Mas, com todas as manifestações sobre sua participação na história de Sergipe, eu só conseguia lembrar que era meu avô que estava morto. E para mim, o mais importante foi a força moral que teve e demonstrou ter.

Não sei o que herdei de Orlando Dantas. Mas das poucas coisas que lembro, algumas me trazem orgulho. Por exemplo, herdei um expedicionário. Um expedicionário mesmo. Um pracinha da FEB que lutou na Itália. Um doidinho, que foi cabo eleitoral de Orlando Dantas, e um fanático por sua figura. O expedicionário, de quem eu nunca soube o nome, passava na GAZETA regularmente para pegar alguns trocados com o velho. Depois que ele morreu, herdei a obrigação e a devoção do tal expedicionário. Chegava sempre dizendo: "nos dois temos os zóios assim agateados", referia-se aos olhos verdes, comuns a nós dois. Suas visitas, porém, foram rareando, até que há alguns anos cessaram de vez. Acho que minha herança morreu.

Herdei também, por um curto período, uma feirante baixinha, que vendia verduras. Esta passava sempre pela GAZETA para ver o velho, uma de suas três paixões supremas. A velhinha adorava, pela ordem: Getúlio Vargas, Orlando Dantas, e o Clube Sportivo Sergipe. Odiava com igual paixão, a UDN, e quem fizesse parte dela, e obviamente, o Confiança. Mesmo depois que Orlando Dantas morreu, a velhinha passava pelo prédio da GAZETA, na Av. Rio Branco para ver-me. Também nunca mais tive notícias desta minha outra herança. De qualquer forma, estão guardadas na minha lembrança.

Uma coisa em particular enche-me de orgulho. Uma única vez Orlando Dantas usou um pseudônimo para seus escritos. Foi quando lançou na GAZETA a coluna Pessoas e Fatos. E assinou-a com o meu nome: Paulo Roberto. Disso ocorreram dois fatos interessantes. Uma vez a coluna fez sérias críticas a D. Luciano Duarte, que ainda não era bispo. D. Luciano passou o dia inteiro na GAZETA, e prometia só sair de lá quando Paulo Roberto chegasse. O editor da GAZETA à época, Ivan Valença, não quis dizer ao padre, que Paulo Roberto era um garoto de nove anos. Mas teve que usar toda a sua lãbia para convencer ao irritado clérigo que deixasse sua resposta por escrito. De outra vez, um colérico Comandante do 28º BC queria por que queria tomar o depoimento de Paulo Roberto. Não se conformava com algumas críticas feitas pela coluna contra o regime instalado com a revolução.

Muitas eram também as estórias que contavam dele na GAZETA. Uma vez proibiu que os empregados chamassem uns aos outros pelos apelidos. Mas havia um, Salatiel, cujo apelido

era Lobo Mau, que simplesmente não atendia pelo nome. Dois dias após a proibição, Seu Orlando chegou à GAZETA procurando Salatiel. Gritou por Salatiel, que ocupado com a clichéria em que trabalhava, nem se tocou que o chefe queria falar com ele. Seu Orlando chegou bem perto dele e gritou por Salatiel. Nada de resposta. Até que impaciente, Seu Orlando desobedeceu sua própria ordem, e berrou: "LOBO MAU". O pobre do Lobo Mau deu um pulo, e lívido de susto foi saber o que o chefe queria. Ai não houve jeito, e os apelidos voltaram a ser a tônica na velha GAZETA.

Na GAZETA, já na década de 70, todos estranhavam que, tanto eu quanto meu irmão Ricardo, o chamássemos de "Seu Orlando". Muitos perguntavam porque eu não o chamava de "Meu avô". A questão é que todos na GAZETA o tratavam por "Seu Orlando". Eu e Ricardo achávamos que não pegava bem nós, bem mais novos que os outros, termos um tratamento diferenciado. Assim, quando falávamos dele, nos o tratávamos por "Seu Orlando". Quando falávamos com ele, a sós, o tratamento era um mais afetuosos "Meu avô".

Curiosidades - Seu nome completo era Orlando Vieira Dantas. A rigor, não deveria ser Vieira, nem Dantas. A história do Dantas é engraçada. Antes de 1800, um português de nome Antônio Coelho Barreto chegou para estabelecer-se em Sergipe. Casou-se com D. Quitéria Gomes de Sá, do Engenho Porteira. Da união, nasceram 11 filhos. Para cada um, o português colocou um sobrenome diferente. O mais velho, recebeu seu mesmo nome: Antônio Coelho Barreto. Outros receberam os mais diversos sobrenomes. Mas o que deu a linhagem Dantas, foi Teotônio Corrêa Dantas. O português utilizava em cada filho, pela ordem, primeiro os seus sobrenomes, depois o de D. Quitéria, depois o de seus avós, e por fim o dos avós de D. Quitéria. Foi assim que Teotônio, pegou o nome de um avô materno de D. Quitéria, que tinha o sobrenome Corrêa Dantas, e era fidalgo da casa real portuguesa, radicado em Recife. Teotônio Corrêa Dantas foi quem iniciou a linhagem dos Dantas em Sergipe. Antônio Corrêa Dantas, foi seu filho. O comendador Francisco Corrêa Dantas, seu neto. Manoel Corrêa Dantas, que foi presidente (hoje seria governador) do Estado, seu bisneto. E Orlando Vieira Dantas, seu tataraneto.

Orlando também não deveria ser Vieira. Sua mãe, conhecida como D. Nenê, tinha o nome de solteira de Adelina Vieira de Andrade. Quando casou com Manoel Dantas, adotou o nome de Adelina Vieira Dantas, quando o usual seria utilizar o nome Adelina Andrade Dantas. Mas estas, são meras curiosidades.

Não sei muita coisa da juventude de "Seu Orlando". O que sei, são algumas passagens interessantes, contadas em família, como folclore até. Há um fato muito pitoresco. Orlando era afilhado de José Luis de Coelho e Campos, um jurista sergipano, natural de Capela, que chegou a ministro do Supremo Tribunal Federal. Consta que ao morrer, por volta de 1918, Coelho e Campos teria deixado uma herança de alguns contos de réis para o seu afilhado. Orlando teria estourado toda a grana em roupas. Coisas de um rapaz de 18 anos.

Orlando Dantas, se vivo estivesse, estaria completando 100 anos. Ele viveu quase 82, certamente que bem vividos. Vividos intensamente. Se assim não o fosse, Sergipe não estaria até hoje falando dele, e da falta que ele faz.

Paulo Roberto Dantas Brandão é jornalista e economista. Diretor da GAZETA DE SERGIPE, e neto de Orlando Dantas.

UMA BIOGRAFIA

Orlando Vieira Dantas nasceu em 28 de setembro de 1900 no Engenho Palmeira, em Capela. Era filho de Manoel Corrêa Dantas e de D. Adelina Vieira Dantas. Casou-se com Dulce Menezes Dantas, tendo quatro filhos.

Estudou engenharia na Escola Politécnica da Bahia, mas não chegou a concluir o curso. De volta a Sergipe, foi dirigir a usina de açúcar de sua família, enquanto o pai dedicava-se à política. Chegou até, por um curto período de tempo, a dirigir um banco. Mas já na década de 30, o irrequieto Orlando ingressava na vida política, sendo prefeito da cidade de Divina Pastora, cargo que renunciou ao discordar do golpe do Estado Novo, dado por Getúlio Vargas. Nessa época, participou ativamente da vida política, fundando partidos, incentivando o debate. Atuou ai em jornais como O Nordeste, do qual foi um dos proprietários.

Na redemocratização do país em 1946, foi eleito Deputado Estadual Constituinte, pela legenda da Esquerda Democrática, sendo a ED era uma dissidência à esquerda, da UDN. Terminado o seu mandato, naquela que foi considerada uma das melhores composições da Assembléia Legislativa nesse século, Orlando foi eleito Deputado Federal, agora pelo Partido Socialista Brasileiro. Era o único deputado pela legenda, que abrigava os melhores nomes da política e da intelectualidade brasileira. Orlando Dantas fazia parte de um grupo liderado por João Mangabeira, que tinha a participação de Hermes Lima, Rubem Braga e diversas outras figuras proeminentes. Foi deputado federal numa época áurea: quando os debates sobre a criação da Petrobrás e do monopólio estatal do petróleo incendiavam a vida do país, e demarcavam o campo entre os nacionalistas e os entreguistas. Orlando Dantas foi um destaque nas suas posições a favor do monopólio estatal.

Após o seu mandato, de volta a Sergipe, funda em 1956 o jornal GAZETA SOCIALISTA, que passa a ser sua trincheira de luta, e na qual travou memoráveis batalhas em favor do desenvolvimento econômico e social de Sergipe. Em 1958 desvincula o jornal do partido Socialista, denominando-o GAZETA DE SERGIPE. Dirige o seu jornal até a sua morte, em 1982, escrevendo diariamente os seus editoriais, que são lidos e respeitados por todos. As lutas que empreendeu pelo aproveitamento das riquezas minerais do Estado, pela criação do porto de Sergipe, são marcantes, e até hoje frutificam.

Orlando Dantas foi ainda um empresário inovador. Como industrial do açúcar, dirigiu a Usina Vassouras, incorporando terras de tabuleiros até então inaproveitáveis para a agricultura, à cultura da cana de açúcar. Monta também a primeira destilaria de álcool do Estado, no final da década de 70.

Ocupou ainda diversos cargos públicos. No início do governo Seixas Dória, nos anos 60, foi interventor no DESO - então Departamento de Esgotos Saneamento e Obras. Moralizou e organizou o órgão, que passava por um processo de desestruturação, pavimentando o caminho para a criação da Empresa de Saneamento que viria a seguir. Depois, ainda no Governo Seixas Dória, foi o primeiro presidente e organizador do Banco do Fomento Econômico do Estado de Sergipe, posteriormente Banco do Estado de Sergipe. Pode ser considerado assim o fundador do BANESE. Ainda na década de 60, Orlando Dantas dirigiu por um curto espaço de tempo o SENAI em Sergipe.

Orlando Dantas também foi escritor, deixando diversas obras de cunho econômico e sociológico. Publicou o "Problema Açucareiro de Sergipe", "Análise Sobre Inflação", "Política de Desenvolvimento Econômico de Sergipe", "Um resumo sobre a vida de Manoel Dantas" e "A Vida Patriarcal de Sergipe". Ao morrer, em 09 de abril de 1982, deixou inconclusas duas obras: "Sergipe: Épocas e Homens", na qual pretendia retratar as principais figuras da história de Sergipe, o pensamento e o legado de cada uma delas; e um estudo sobre a vida e atuação política de Fausto Cardoso. Foi ainda membro da Academia Sergipana de Letras.

Orlando Dantas morreu no dia 9 de abril de 1982. Na madrugada de uma Quinta-feira para uma Sexta-feira Santa. Estava com 81 anos, mas cruzou o espírito juvenil que sempre manteve. (PRDB)

100 ANOS



Em 1980 a Câmara Municipal de Aracaju homenageou Orlando Dantas que comemorava seus 80 anos.

ORLANDO DANTAS,
HOMEM DEMOCRATA QUE
NÃO ACATAVA O ARBITRÁRIO
NEM A DITADURA

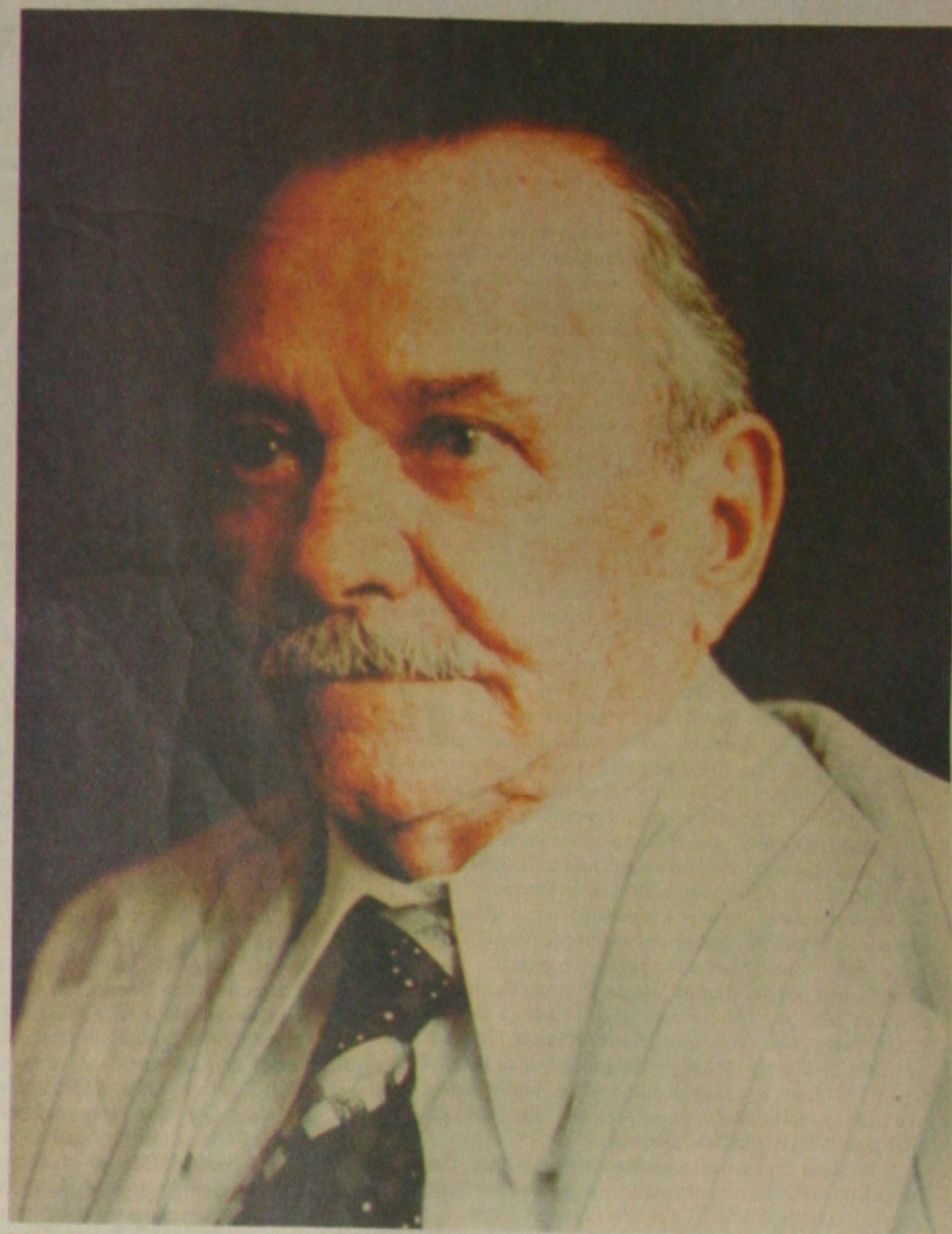
UMA HOMENAGEM DA



CÂMARA MUNICIPAL
DE ARACAJU



Orlando Dantas aos 23 anos



Orlando Dantas aos 60 anos



Nos anos 20, estilo dândi



Nos anos 40, estilo descontraído



Enfins dos anos 40, deputado estadual



Início dos anos 50, com a esposa Dulce



Nos anos 60, com a família reunida



No Tribunal de Justiça, ao lado do Desembargador Déda, Luis Antônio Barreto, e Thetis Nunes, agradece a homenagem pelos seus 80 anos.



No lançamento de "Vida Patriarcal...", discursa, ao lado de Thetis Nunes, Luis Antônio Barreto, Marcos Ferreira, Helber Ribeiro, João Lisboa e José Figueiredo.



Com Dr. Lauro Porto e Dr. João Garcez, visita ao Hospital de Cirurgia.



Fala aos empresários no CDL, ao lado do presidente João Lima e do neto, Paulo Roberto.



Cortando o bolo do aniversário de 80, na Usina Vassouras, ao lado da esposa Dulce, o filho Hêlio e o governador Augusto Franco.



Na festa dos seus 80 anos, com a escritora Nubia

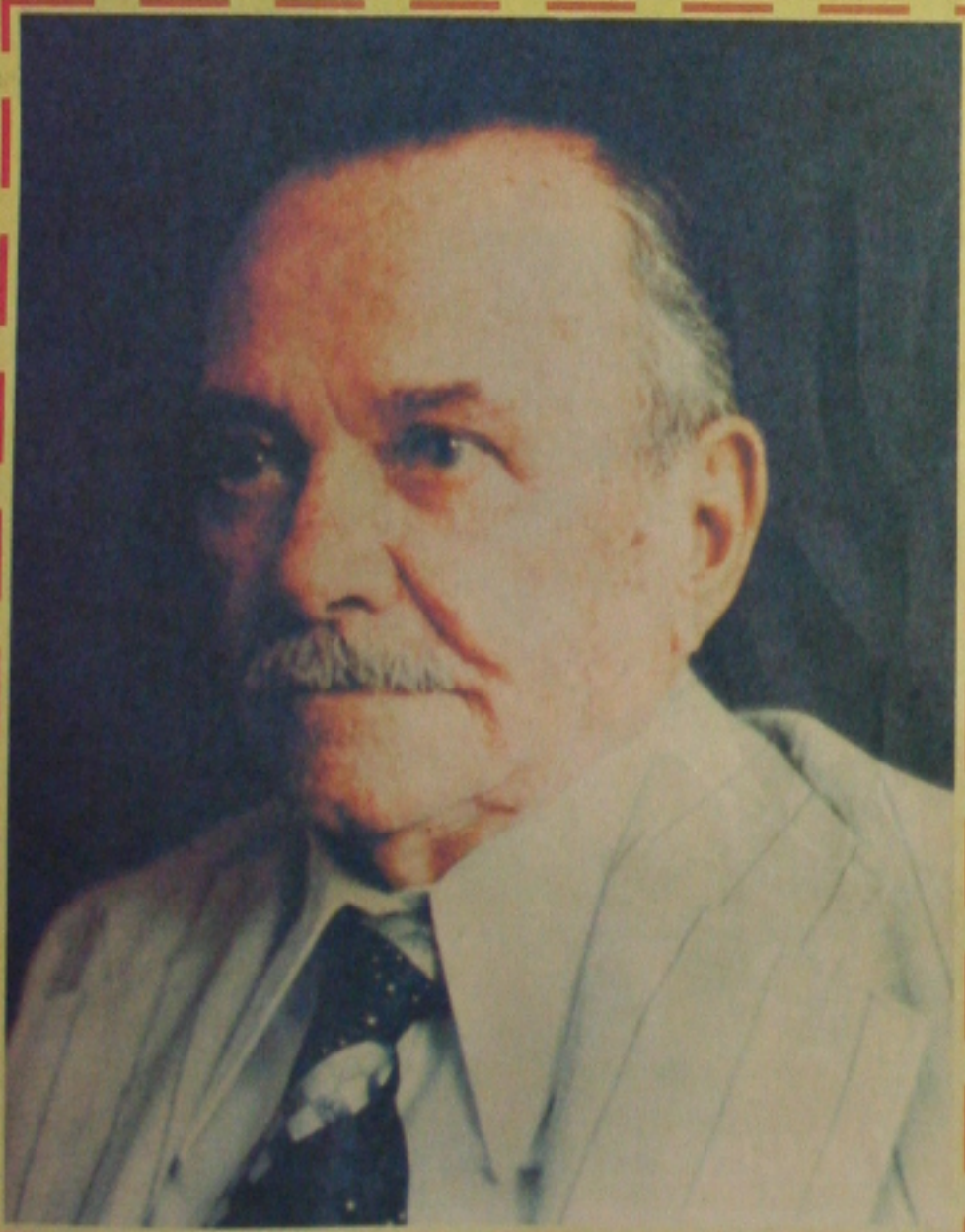


Recebendo a Comenda Serigy, da Prefeitura de Aracaju, com o Governador Paulo Barreto, o vice-governador Adalberto Moura, e os ex-governadores José Leite e Lourival Batista.



Com o jornalista Zózimo Lima e o empresário Josias

OS 100 ANOS DE ORLANDO DANTAS!



Neste dia em que é celebrado o centenário de Orlando Dantas, temos o orgulho de poder render as nossas homenagens, a esse sergipano que apesar de não estar mais entre nós, deixou sua marca na imprensa escrita e no coração de todos aqueles que lhe guardam respeito e admiração.



BANESE PREV: SEGURANÇA PARA TODA A VIDA.



BANESE
PREV

Segurança para toda a vida.

O BANESE e a ICATU-HARTFORD lançaram o **Banese Prev**, um plano de aposentadoria em que é você quem define o valor das parcelas que quer pagar e o perfil do investimento onde que ver seu dinheiro aplicado.

O **Banese Prev** é um fundo de previdência 100% dedutível de seu Imposto de Renda*, isento de imposto sobre rendimentos e com garantia de rentabilidade integral que você acompanha mês a mês.

Procure, hoje mesmo, uma agência do Banco de Sergipe e faça um **Banese Prev**.

Assim, você garante agora que seu futuro vai ser um verdadeiro presente.

Banese Prev: segurança para toda a vida.

Icatu
HARTFORD

BANESE
O Banco de Sergipe.